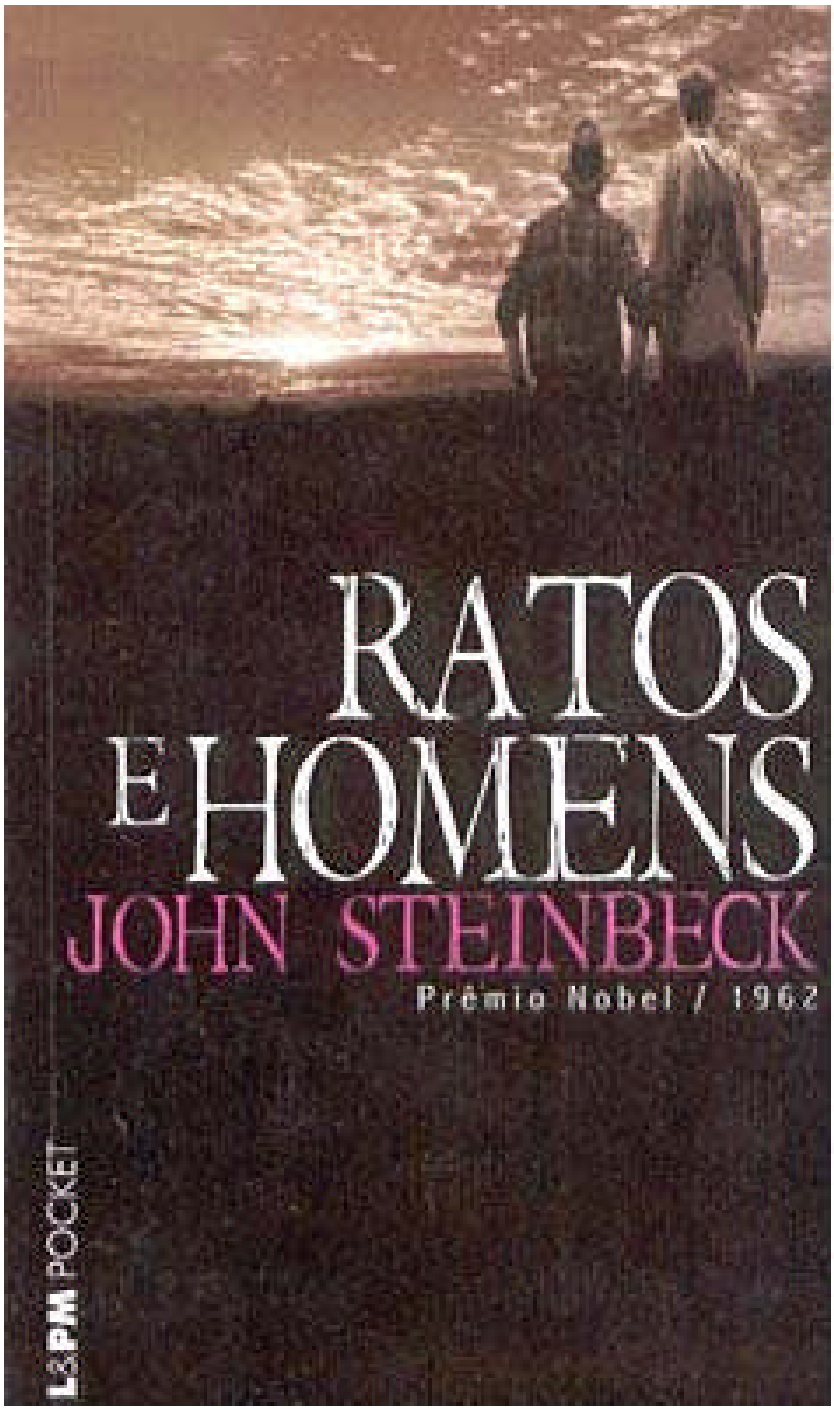

RATOS
E HOMENS
JOHN STEINBECK
Prêmio Nobel / 1962
L&PM POCKET

1

A poucos quilômetros ao sul de Soledad, o rio Salinas desce bem junto ao flanco da colina e corre profundo e verde. Sua água é morna, pois desliza cintilando ao sol por sobre areias amarelas antes de alcançar o estreito lago natural. De um lado do rio, os flancos dourados da colina sobem sinuosos até as montanhas Gabilan, fortes e rochosas, mas do lado do vale a água acha-se orlada de árvores — salgueiros frescos e verdes a cada primavera, mostrando nas junções das folhas inferiores fragmentos rochosos das enchentes de inverno; sicômoros com troncos e ramos brancos, pintalgados, debruçam-se também sobre a água imóvel.

Na margem arenosa sob as árvores, a camada de folhas é tão profunda e quebradiça que um lagarto a faz estalar quando corre sobre ela. Ao anoitecer, os coelhos deixam as moitas e vêm sentar-se na areia e os baixios úmidos ficam cobertos com as pegadas noturnas dos guaxinins e dos cães de fazenda e com as marcas em forma de cunha dos cervos que chegam para beber no escuro.

Por entre os salgueiros e sicômoros há um caminho duramente batido pelos meninos que descem das fazendas para nadar no lago e pelos vagabundos de estrada que à noite, cansados, acampam junto à água. Diante do galho baixo e horizontal de um sicômoro gigante vê-se um monte de cinzas produzido por inúmeras fogueiras; gasto e polido, o galho já serviu de assento para muitos homens.

Ao anoitecer daquele dia quente, uma brisa começou a mover-se entre as folhas. A sombra escalava as colinas em direção ao topo, e os coelhos sentavam-se quietos, como pequenas esculturas de pedra cinzenta nas margens arenosas. Vindo da rodovia estadual, um som de passos estalou nas folhas secas dos sicômoros. Rápidos, sem ruído, os coelhos se esconderam. Uma pomposa garça ergueu-se pesadamente no ar e bateu asas rio abaixo. Durante um momento o lugar tornou-se inanimado. Então, a seguir, dois homens surgiram no caminho e pararam na clareira junto ao lago verde.

Caminhavam em fila indiana e, mesmo ali na clareira, permaneciam um atrás do outro. Ambos vestiam calças e casacos de brim com botões de cobre. Os dois usavam chapéu preto disforme e carregavam nos ombros cobertores bem enrolados. O primeiro homem era pequeno, moreno e ágil, com olhos inquietos e traços fortes, marcantes. Tudo nele era bem definido: mãos pequenas e vigorosas, braços delgados e nariz fino e ossudo. O homem à retaguarda era o seu oposto. Enorme, rosto inexpressivo, olhos grandes e mortiços e ombros largos, caídos. Caminhava pesadamente, arrastando um pouco os pés, como os ursos. Seus braços não oscilavam de forma natural, pendiam frouxos ao longo do tronco.

O primeiro homem estacou na clareira, fazendo com que o outro quase esbarrasse nele. Tirou então o chapéu e enxugou a carneira com o dedo indicador, sacudindo o suor para longe. Seu enorme companheiro deixou cair os cobertores, atirou-se à superfície do lago verde com a boca para baixo e bebeu em grandes goles, resfolegando na água como um cavalo. O homem pequeno andou nervosamente até ele.

— Lennie! — disse, ríspido. — Lennie, pelo amor de Deus, não bebe tanto!

O outro continuou a resfolegar no lago. O homem pequeno inclinou-se e sacudiu-o pelo ombro.

— Lennie, você vai ficar doente que nem na noite passada.

Lennie mergulhou a cabeça na água, com chapéu e tudo, e sentou-se na margem. A água escorreu do chapéu pelo casaco azul e lhe desceu pelas costas.

— Tá ótima. Toma um pouco, George. Toma um bom gole. — Sorriu, com ar feliz.

George desvencilhou-se da mochila, deixando-a cair suavemente na areia.

— Não sei se essa água é boa. Parece meio espumosa.

Lennie mergulhou a manopla na água e agitou os dedos,
provocando uma chuva de salpicos. Círculos concêntricos alargaram-se até o outro lado do lago e voltaram, enquanto ele observava o movimento da água.

— Olha, George. Olha o que que eu fiz.

George ajoelhou-se junto ao lago e bebeu rápidos goles com a mão em concha.

— O gosto tá bom — admitiu. — Mas não parece água corrente. Você nunca deve beber água parada, Lennie — disse, desanimado. — Você é capaz de beber até água da sarjeta quando tá com sede.

Com o côncavo das mãos, jogou água no rosto, no pescoço e na nuca, tornando a colocar o chapéu. Depois afastou-se da água, dobrou os joelhos e abraçou-os. Lennie, que o observava, imitou exatamente cada um de seus gestos; também se afastou da água, dobrou e abraçou os joelhos e olhou para o amigo, comparando. Tal como George, desceu mais o chapéu sobre os olhos.

George contemplava a água com ar sombrio. O clarão do sol avermelhava a borda de seus olhos.

— A gente bem que podia ter ido direto pra fazenda — disse com raiva — se aquele motorista nojento soubesse o que tava falando. "Só uma esticadinha estrada abaixo", ele disse. "Só uma esticadinha." Seis quilômetros desgraçados, isso sim! Ele não queria era parar no portão da fazenda, o patife, era preguiçoso demais. Nem sei como chegou a parar em Soledad. Botou a gente pra fora do ônibus e disse: "É só uma esticadinha estrada abaixo". Aposto que foi mais de seis quilômetros. Num dia desgraçado de quente.

Lennie olhou-o, tímido.

— George?

— O que é?

— Pra onde é que a gente vai?

O homem pequeno puxou a aba do chapéu e olhou para Lennie com o cenho franzido.

— Então já esqueceu? Tenho que te dizer de novo? Puxa, você é um perfeito idiota!

—Eu esqueci — disse Lennie suavemente. — Fiz tudo pra não esquecer, juro por Deus, George.

—Tá bem, tá bem. Eu te digo de novo. Não tenho nada pra fazer. Posso até passar os meus dias te dizendo as coisas, depois você esquece e aí eu te digo tudo

de novo.

—Eu fiz tudo, tudo mesmo — disse Lennie —, mas não adiantou nada. Mas eu lembro dos coelhos, George.

—Que se danem os coelhos. Você só lembra deles. Tá bem. Agora escuta... e dessa vez você tem que lembrar, pra não meter a gente em confusão. Lembra quando sentou naquela sarjeta da Howard Street e ficou olhando o quadro-negro?

O rosto de Lennie abriu-se num grande sorriso.

—Ora, George, claro que eu lembro daquilo... mas... o que que a gente fez depois? Lembro que algumas garotas chegaram e você disse... você disse...

—Que se dane o que eu disse. Lembra que a gente foi na casa de Murray e Ready e eles deram pra nós cartões de trabalho e passagens de ônibus?

—Ah, George, claro, agora eu lembro. — Enfiou rapidamente as mãos nos bolsos do casaco. — George... não estou com o meu. Eu acho que perdi. — Olhou para o chão com desespero.

—Você não ficou com ele, <seu maluco. Eu fiquei com os dois. Acha que eu ia deixar o cartão de trabalho com você?

Lennie arreganhou os dentes, num sorriso de alívio.

— Eu achei... achei que tinha botado ele no meu bolso. — Enfiou a mão no bolso de novo.

George encarou-o astutamente.

—Que que você tirou do bolso?

—Eu não tenho nada no bolso — disse Lennie, esperto.

—Sei que não tem. Tá na sua mão. Que que você pegou e escondeu?

—Eu não peguei nada, George. Verdade.

—Me dá isso aqui.

Lennie afastou de George a mão fechada.

—É só um ratinho, George.

—Um rato? Um rato vivo?

—Hã-hã. Só um rato morto, George. Eu não matei ele, juro! Já tava morto. Encontrei ele morto.

—Me dá aqui!

—Ah, George, deixa eu ficar com ele...

—*Me dá aqui!*

A mão fechada de Lennie obedeceu, vagarosa. George pegou o rato e atirou-o por cima da água para as moitas do outro lado.

—Mas pra que é que você quer um rato morto?

—Ora, pra ir alisando ele com meu dedão enquanto a gente vai andando.

—Você não vai alisar rato nenhum enquanto tiver andando comigo. Lembra pra onde tamos indo agora?

Lennie pareceu surpreso. Então, embaraçado, escondeu o rosto entre os joelhos.

—Esqueci de novo.

—Cristo! — disse George, resignado. — Tá bem. Escuta, a gente vai trabalhar numa fazenda, igual à que a gente deixou no norte.

—No norte?

—A de Weed.

—Ah, sim. Eu me lembro.

—A fazenda pra onde a gente tá indo fica a uns quatrocentos metros adiante. Vamos entrar e procurar o patrão. Agora escuta bem; eu vou dar pra ele os cartões de trabalho, mas você não vai dizer uma palavra. Fica lá e não diz nada. Se ele descobrir o patife maluco que você é, a gente não vai conseguir o emprego, mas se ele te ver trabalhando antes de te ouvir falar, aí a gente tá feito. Entendeu?

—Claro, George. Claro que entendi.

—Tá bem. Quando a gente for ver o patrão, que que você vai fazer?

—Eu... eu... — Lennie refletiu. Seu rosto ficou tenso. — Eu não vou abrir a boca. Vou ficar quieto.

—Isso, rapaz. Muito bem. Repete duas ou três vezes pra não esquecer.

Lennie murmurou suavemente para si mesmo:

—Não vou abrir a boca... Não vou abrir a boca... Não vou abrir a boca.

—Isso — disse George. — E também não vai fazer as coisas ruins que fez em Weed.

—Que que eu fiz em Weed? — perguntou Lennie, intrigado.

—Ah, esqueceu aquilo também, é? Bem, não vou te lembrar, senão você pode fazer tudo de novo.

Uma luz de compreensão surgiu no rosto de Lennie.

—Eles botaram a gente pra fora de Weed! — explodiu ele, triunfante.

—Botaram pra fora coisa nenhuma — disse George, com repulsa. — Nós fugimos. Tavam procurando a gente, mas não conseguiram pegar.

Lennie deu uma risada alegre.

— Não esqueci disso, juro.

George deitou-se na areia e cruzou as mãos sob a cabeça. Lennie fez o mesmo, erguendo-se um pouco para ver se imitava o amigo com perfeição.

— Meu Deus, você é encrenca na certa — disse George.— Eu podia me dar tão bem se não tivesse você agarrado nasminhas calças! Podia viver bem e talvez até arranjar uma garota.

Durante um momento Lennie permaneceu quieto. Depois disse, cheio de esperança:

—Vamos trabalhar numa fazenda, George.

—É. É isso. Mas vamos dormir aqui, porque eu tenho minhas razões.

O dia se extinguia agora rapidamente. Só os topos das montanhas Gabilan flamejavam à luz do sol que abandonara os vales. Uma cobra-d'água deslizou pelo lago, a cabeça erguida como um pequeno periscópio. Os juncos se agitaram de leve na corrente. A distância, para as bandas da estrada principal, um homem gritou qualquer coisa; outro respondeu. Os ramos do sicômoro farfalharam sob a brisa que logo cessou.

— George, por que que a gente não vai à fazenda pra jantar? Na fazenda eles dão jantar.

George deitou-se de lado.

— Não vou te dar explicação. Eu gosto daqui. Amanhã a gente vai à fazenda pra trabalhar. Vi máquinas de debulhar pelo caminho. Isso quer dizer que a gente vai arrebentar as tripas carregando sacos de cereais. Esta noite eu só querome deitar aqui e ficar olhando pro céu. Gosto disso.

Lennie se pôs de joelhos e olhou para George.

—A gente não vai jantar?

—Claro que vai, se você pegar uns gravetos secos de salgueiro. Tem três latas de feijão na mochila. Prepara o fogo. Eu te dou um fósforo quando a lenha estiver pronta. Aí a gente esquenta o feijão e come.

—Gosto de feijão com molho de tomate — disse Lennie.

—Só que não tem molho de tomate. Vai pegar a lenha. E não fica zanzando por aí. Vai escurecer logo.

Lennie se ergueu pesadamente e sumiu no mato. George ficou onde estava, assobiando suavemente para si mesmo. Sons de água sendo espadanada rio abaixo, na direção que Lennie tomara, chegaram até George. Este parou de assobiar e escutou.

— Pobre infeliz — murmurou e continuou a assobiar.

No momento seguinte Lennie retornava, fazendo as moitas estalarem. Trazia um pequeno graveto de salgueiro na mão.

George sentou-se. — Tá bem — disse bruscamente. — Me dá esse rato! Lennie exibiu uma elaborada pantomima de inocência.

—Que rato, George? Não tenho rato nenhum. George estendeu a mão.

—Vamos. Me dá isso. Você não me engana, não. Lennie hesitou, deu um passo para trás e olhou selvagemente para as moitas, como se pensasse em fugir para a liberdade.

—Vai me entregar o rato ou tenho que te dar um soco? — disse George friamente.

—Entregar o quê, George?

—Você sabe muito bem. Quero esse rato.

Lennie pôs a mão no bolso com relutância. Sua voz tremeu ligeiramente.

— Não sei por que eu não posso ficar com ele. Não tem dono. Eu não roubei ele. Achei ele estendido do lado da estrada.

A mão de George permanecia imperiosamente esticada. Devagar, como um cachorro que não quer devolver uma bola ao dono, Lennie se aproximou, recuou, afastou-se de novo.

George estalou os dedos asperamente. Ante aquele som, Lennie pôs o rato na mão dele.

— Eu não ia fazer nada de ruim com ele, George. Só um carinho.

George ergueu-se e atirou o rato o mais longe possível entre as moitas agora escuras. Depois, foi até o lago e lavou as mãos.

— Seu maluco idiota. Pensou que eu não ia ver os seus pés molhados de atravessar o rio quando foi pegar o rato? — Ao ouvir o choro lamuriento de Lennie, George se virou. — Choramingando feito um bebê! Cristo! Um cara desse tamanho! — Os lábios de Lennie tremeram e lágrimas rolaram de seus olhos. — Ah, Lennie! — George pôs a mão no ombro do amigo. — Eu não te tirei o rato por maldade. Ele tava ficando podre. Além do mais, você quebrou o bicho de tanto fazer festa jiele. Arranja um rato que seja fresco e eu te deixo ficar com ele por um tempo.

Lennie sentou-se no chão e deixou pender a cabeça, desanimado.

—Não sei onde tem outro rato. Lembro que uma senhora costumava me dar eles, todos que ela conseguia pegar. Mas ela não tá aqui.

—Uma senhora, é? — escarneceu George. — Você nem se lembra que senhora é essa. Pois era a sua tia Clara. E ela parou de te dar os ratos porque você matava todos eles.

Lennie ergueu tristemente os olhos para George.

—Eram tão pequenos! — disse, como que se desculpando. — Eu fazia festa neles, os ratos mordiam meus dedos, eu então beliscava eles e logo depois tavam mortos... porque eram muitos pequenos. Eu queria era ter coelhos logo, George. Coelho não é tão pequeno como rato.

—Que se danem os coelhos! E você não é de confiança com nenhum rato vivo. A tia Clara te deu um rato de borracha e você não quis nada com ele.

—Não era bom pra alisar.

O pôr-do-sol flamejante abandonou o topo das montanhas e o crepúsculo desceu sobre o vale, enquanto uma semi-obscuridade engolia os salgueiros e sicômoros. Uma grande carpa surgiu à superfície do lago, engoliu o ar e afundou de novo misteriosamente na água escura, produzindo círculos concêntricos. No alto, as folhas sussurraram mais uma vez e pequenos flocos de algodão soltaram-se dos salgueiros, pousando na superfície do lago.

— Você não vai buscar a lenha? — perguntou George. — Tem muita lenha bem atrás daquele sicômoro. Foi a enchente que trouxe. Vai buscar logo.

Lennie desapareceu atrás de uma árvore e surgiu com uma braçada de gravetos e folhas secas. Jogou-a no antigo monte de cinzas e voltou várias vezes para pegar mais. Era quase noite. As asas de uma pomba sibilaram sobre a água. George andou até a pilha seca e acendeu-a. A chama crepitou entre os gravetos, incendiando-os. George tirou da mochila três latas de feijão e colocou-as bem junto ao fogo, mas sem que este as tocasse.

—Esse feijão dá pra quatro homens — disse George. Lennie observou-o por cima do fogo.

—Gosto dele com molho de tomate — disse, paciente.

— Não tem molho de tomate nenhum! — explodiu George. — Você só quer o que a gente não tem. Santo Deus, como eu podia viver bem sozinho! Podia ter um emprego e trabalhar sem nenhuma encrenca, nenhuma confusão. E no fim do mês pegava meus cinqüenta pacotes, ia até a cidade e comprava o que eu queria. Podia

ficar num puteiro a noite toda. Podia comer em qualquer lugar, num hotel ou qualquer outro lugar, e pedir tudo o que me desse na telha. E podia fazer isso todo santo mês. Comprava três litros de uísque ou ficava num salão jogando bilhar ou baralho.

Lennie se ajoelhou, aterrorizado, observando o rosto enraivecido de George por cima do fogo.

— E que que eu ganho? — continuou George, furioso.

— Ganho você! Que não consegue ficar num emprego e me faz perder tudo que é emprego que arranjo. E me faz ficar batendo pernas por toda parte, o tempo todo. E isso não é o pior. Você só arranja confusão. Faz coisas ruins e eu tenho que te salvar. — Quase gritava agora. — Seu filho da puta maluco! Você me mete em encrenca o tempo todo! — Assumiu o ar afetado de uma menina imitando outra. — "Eu só queria passar a mão no vestido daquela moça... Só queria alisar ele como se fosse um rato... " Que diabo, comoé que ela ia saber que você só queria alisar o vestido dela? Ela deu um pulo pra trás e você segurou o vestido dela como se fosse um rato. Ela gritou e a gente teve que se esconder numa vala de irrigação o dia todo enquanto os caras procuravam a gente; e aí a gente teve que escapulir no escuro e dar o fora da região. O tempo todo é isso. O tempo todo. Gostaria de te botar numa jaula com um milhão de ratos pra você se divertir.

Subitamente, a raiva o abandonou. Percebendo o rosto angustiado de Lennie por cima do fogo, George fitou as chamas, envergonhado.

Estava bem escuro agora, o fogo iluminando apenas os troncos das árvores e os galhos recurvos acima das cabeças. Lennie engatinhou lenta e cautelosamente em torno da fogueira até chegar perto de George. Então se ajoelhou, sentando sobre os calcanhares. George virou as latas de feijão para que o outro lado se aquecesse também. Fingia não perceber a proximidade de Lennie.

—George — disse Lennie, suave. Nenhuma resposta. — George!

—Que que você quer?

—Eu tava só brincando. Não quero molho de tomate não. Eu não comia o molho de tomate nem que tivesse aqui do meu lado.

—Se a gente tivesse o molho, você podia comer.

—Mas não comia, George. Deixava todo pra você. Você podia cobrir seu feijão com ele que eu nem tocava.

George ainda fitava sombriamente o fogo.

— Quando penso na boa vida que podia levar sem você, fico maluco. Nunca tenho paz.

Lennie continuava ajoelhado, contemplando a escuridão além do rio.

—George, quer que eu vou embora e te deixe sozinho?

—E pra que raio de lugar você podia ir?

—Algum lugar. Podia ir lá pras colinas. Algum lugar onde eu podia achar uma caverna.

—Ah, é? E como é que ia comer? Você não tem cabeça nem pra achar comida.

—Eu achava, George. Não preciso de comida boa com molho de tomate. Eu

deitava debaixo do sol e ninguém ia me fazer mal. E se achasse um rato, podia ficar com ele. Ninguém ia tirar ele de mim.

George olhou-o rapidamente, inquisitivo.

—Fui mau, não é?

—Se não me quiser mais, eu posso ir pras colinas e achar uma caverna. Posso ir embora a qualquer hora.

—Não. Olha, eu tava só brincando, Lennie. Quero que você fica comigo. O negócio é que você sempre mata os ratos. — Fez uma pausa. — Vou te contar que que eu vou fazer, Lennie. Logo que eu achar um jeito, vou te dar um cachorrinho. Um cachorro você não pode matar, talvez. É melhor que um rato. E você pode fazer festa nele com mais força.

Percebendo sua vantagem, Lennie evitou a isca.

—Se você não me quer é só dizer. Aí eu vou pras colinas ali adiante, bem lá em cima, e vou viver sozinho. E ninguém vai me roubar rato nenhum.

—Quero que você fica comigo, Lennie. Puxa, alguém pode atirar em você pensando que é um coiote, se você ficar sozinho. Não, fica comigo. A tia Clara não ia gostar de te ver andando por aí sozinho, mesmo se ela já morreu.

—Conta... como você já me contou antes — disse Lennie, matreiro.

—Contar o quê?

—Aquilo dos coelhos.

—Você não vai me fazer de trouxa.

—Ah, George, conta. Por favor, George. Como antes.

—Gosta disso, não é? Tá bem, vou te contar e depois vamos comer.

A voz de George tornou-se mais profunda. Pronunciava as palavras ritmadamente, como se as tivesse repetido inúmeras vezes antes.

— Os caras como a gente, que trabalham em fazendas, são os sujeitos mais solitários do mundo. Não têm família. Não pertencem a lugar nenhum. Chegam numa fazenda e trabalham até juntarem uns cobres; então vão pra cidade e gastam a gaita toda. Logo depois, a gente fica sabendo que tão sacudindo o rabo em outra fazenda. Eles não podem esperar nada do futuro.

Lennie exultava.

— É isso... é isso... Agora conta como é com a gente.

—Com a gente não é assim — continuou George. — Nós temos futuro. Temos alguém pra conversar, alguém que se importa com a gente. Não temos que sentar num bar gastando a gaita só porque não tem outro lugar pra ir. Se outros caras vão em cana, podem apodrecer na cadeia, porque ninguém liga pra eles. Mas nós não.

—*Mas nós não!* — interrompeu Lennie. — *E por quê? Porque... porque eu tenho você pra tomar conta de mim e você me tem pra tomar conta de você, é por isso.* — Riu, encantado.

— Agora continua, George!

—Você sabe tudo de cor. Pode até contar você mesmo.

—Não, conta você. Eu esqueço umas coisas. Conta como vai ser.

—Tá bem. Um dia... vamos juntar uma gaita e ter uma casinha e um pedaço de terra, uma vaca, uns porcos e...

—*E vamos viver no bem-bom!* — gritou Lennie. — E ter *coelhos*. Continua, George! Conta o que a gente vai ter no jardim e fala dos coelhos nas gaiolas, da chuva no inverno e da estufa, e como a nata do leite vai ser tão gorda que a gente nem vai poder cortar. Conta, George.

—Por que você mesmo não faz isso? Já sabe tudo.

—Não... conta você. Se eu contar não é a mesma coisa. Continua, George. Conta como eu vou cuidar dos coelhos.

—Tá bem — disse George. — Vamos ter uma boa horta, uma coelheira e galinhas. E quando chover no inverno a gente vai dizer que se dane o trabalho e vai acender um bom fogo, sentar perto dele e ouvir a chuva cair no telhado. Bolas! — Puxou seu canivete. — Não tenho tempo pra falar mais.

Meteu a faca na tampa de uma lata de feijão, cortou-a e passou-a a Lennie. Depois abriu outra. Do bolso lateral tirou duas colheres, entregando uma delas ao amigo.

Sentados perto do fogo, encheram a boca de feijão e puseram-se a mastigar com força. Alguns feijões escorregaram pelos lados da boca de Lennie. George gesticulou com a colher.

— Que que você vai dizer amanhã quando o patrão te fazer perguntas?

Lennie parou de mastigar e engoliu. Seu rosto estava concentrado.

—Eu... eu... não vou dizer nada.

—Bom menino! É isso mesmo, Lennie! Parece que você tá melhorando. Quando a gente comprar o pedaço de terra eu vou mesmo deixar você cuidar dos coelhos. Principalmente se lembrar tão bem das coisas assim.

Lennie sufocou de orgulho.

— Eu consigo lembrar — disse.

George gesticulou de novo com a colher.

—Escuta, Lennie. Quero que dê uma olhada por aí. Pode lembrar desse lugar, não pode? A fazenda é mais ou menos a uns quatrocentos metros daqui, subindo aquele caminho. É só seguir o rio, ouviu?

—Ouvi. Eu vou lembrar. Não lembrei que não tenho que dizer nada?

—Claro. Olha, Lennie, se por acaso você se meter em confusão, como sempre faz, vem direto pra cá e se esconde no mato.

—Me escondo no mato — repetiu Lennie vagarosamente.

—Se esconde no mato até eu chegar pra te procurar. Pode lembrar isso?

—Posso sim, George. Me escondo no mato até você chegar pra me procurar.

—Mas não se mete em nenhuma confusão, senão eu não te deixo tomar conta dos coelhos. — Atirou a lata de feijão vazia dentro das moitas.

—Não vou me meter em confusão, George. Não vou dizer uma palavra.

—Tá bem. Traz sua mochila pra perto do fogo. Vai ser bom dormir aqui. Olhando o céu, as folhas. Não bota mais lenha no fogo. Vamos deixar ele morrer.

Fizeram as camas sobre a areia. A medida que o brilho do fogo diminuía, a esfera de luz tornava-se menor; os galhos recurvos desapareciam e apenas um tênue vislumbre denunciava agora o lugar dos troncos.

—George... tá dormindo? — perguntou Lennie na escuridão.

—Não. O que é?

—Vamos arranjar coelhos de cores diferentes.

—Claro que vamos — disse George, quase adormecido. — Coelhos vermelhos, azuis e verdes, Lennie. Milhões deles.

—Peludos, George, como eu vi numa feira de Sacramento.

—Peludos, claro.

—Porque eu também posso ir embora, George, e viver numa caverna.

—Também pode ir pro inferno — disse George. — Agora cala a boca.

A luz vermelha das brasas se extinguiu. No alto da colina junto ao rio, um coiote uivou e um cão respondeu do outro lado da corrente. As folhas do sicômoro sussurraram na leve brisa da noite.

2

A casa dos peões era um edifício comprido e retangular, com paredes internas caiadas. Seu piso não fora pintado, e três das paredes exibiam pequenas janelas quadradas; na quarta parede havia uma porta sólida com trinco de madeira. Junto às paredes viam-se oito catres, cinco deles cobertos com mantas, enquanto os outros mostravam o forro de aniagem. Acima de cada catre estava pregada uma caixa de maçãs vazia com a abertura para cima, formando uma prateleira para os objetos pessoais do ocupante da cama. Continham sabão, talco, navalhas e revistas de faroeste que os trabalhadores das fazendas adoram ler com ar de desdém, mas acreditando nelas secretamente. Havia também remédios, pequenos frascos, pentes e, penduradas nos pregos dos lados das caixas, algumas gravatas. Perto de uma parede instalava-se um aquecedor de ferro fundido, cuja chaminé subia pelo telhado. No meio do aposento via-se uma grande mesa quadrada coberta de cartas de baralho e rodeada por caixotes que serviam de assento aos jogadores.

Por volta das dez horas da manhã, o sol projetava uma faixa brilhante carregada de poeira através de uma das janelas laterais, raio de luz no qual as moscas entravam e saíam como estrelas errantes.

O trinco de madeira foi erguido. A porta se abriu, deixando passar um velho alto, de ombros encurvados, usando calças de brim azul e com uma grande vassoura na mão esquerda. Atrás dele entraram George e Lennie.

— O patrão tava esperando vocês a noite passada — disse o velho. — Ficou uma fera quando viu que não tavam aqui pra trabalhar esta manhã. — Esticou o braço direito e de sua manga saiu um coto seccionado à altura do punho. — Podem ficar com aquelas duas camas ali — disse, indicando dois catres perto da estufa.

George se aproximou do saco de palha forrado de ania-gem que era o colchão e jogou nele seus cobertores. Olhou a prateleira feita com a caixa de maçãs e retirou dela uma pequena lata amarela.

—Que droga é essa?

—Não sei — disse o velho.

—Aqui diz: "Mata positivamente piolhos, baratas e outros insetos". Que raio de cama é essa que vocês tão dando pra gente? Não queremos saber dessas pragas.

O velho peão moveu a vassoura, segurando-a entre o cotovelo e o lado do corpo, enquanto estendia a mão para a lata. Estudou cuidadosamente seu rótulo.

—Vou contar pra você — disse finalmente. — O último sujeito que dormiu nessa cama era um ferreiro. Sujeito muito simpático e limpo como ninguém. Costumava lavar as mãos até mesmo *depois* de comer.

—Então como é que tinha piolhos? — Uma raiva lenta subia aos poucos em George. Lennie pôs a mochila no catre próximo e sentou-se. Observava o amigo com a boca aberta.

—Vou te contar — disse o velho. — Esse ferreiro, um tal de Whitey, era o tipo do sujeito que espalhava esse negócio por aí mesmo sem qualquer inseto. Só por segurança, sabe? Vou te contar o que costumava fazer... Nas refeições ele

descascava as batatas cozidas e tirava cada pontozinho, até o mais pequeno, antes de comer. E se tivesse uma mancha vermelha num ovo, raspava ela também. Até que ele acabou indo embora por causa da comida. O sujeito era assim... limpo. Costumava se vestir nos domingos, mesmo quando não ia a lugar nenhum; botava até gravata, só pra ficar por aqui.

—Isso não me convence — disse George, cético. — Por que foi mesmo que ele foi embora?

O velho pôs a lata amarela no bolso e esfregou as ásperas suíças brancas com os nós dos dedos.

— Ora... ele... foi embora, pronto, do mesmo modo que qualquer sujeito vai. Disse que era a comida. Mas só queria mesmo era dar o fora. Não deu outra razão, só a comida. Uma noite disse: "Paguem o que me devem", como qualquer outro sujeito, e foi embora.

George levantou o colchão e olhou embaixo dele. Inclinou-se, inspecionando cuidadosamente o saco de aniagem. Lennie se ergueu e fez o mesmo com o seu. Por fim George mostrou-se satisfeito. Desenrolando a mochila, colocou na prateleira sua navalha, uma barra de sabão, um pente, um vidro de pílulas, ungüento, a munhequeira de couro. Depois, fez cuidadosamente a cama com os cobertores.

— Acho que o patrão vai chegar num minuto — disse o velho. — Ele ficou danado quando vocês não apareceram esta manhã. Veio direto pra cá, quando a gente tava tomando café, e perguntou: "Droga, onde estão os novos peões?" E fez também o encarregado do estábulo comer fogo.

George alisou uma ruga da cama com um tapa e sentou-se.

—Fez o encarregado do estábulo comer fogo?

—Foi. O peão que toma conta do estábulo é um crioulo.

—Ah, é?

—É. Um cara simpático. Teve as costas aleijadas por um coice de cavalo. O patrão faz ele comer fogo quando tá furioso, mas ele não liga. Lê muito. Tem muitos livros lá no quarto dele.

—Que tipo de sujeito é o patrão?

—Um sujeito bastante decente. Às vezes fica furioso, mas é um cara bom. Vou lhe dizer, sabe o que ele fez no Natal? Trouxe uns quatro litros de uísque pra cá e disse: "Bebam até se fartar, rapazes. O Natal é só uma vez por ano".

—Não acredito! Quatro litros?

—Sim, senhor. Puxa, como a gente se divertiu! Nessa noite deixaram até o crioulo entrar aqui. Um condutor de mulas chamado Smitty se atracou com ele. E se portou bastante bem. Os rapazes não deixaram ele usar os pés e aí o crioulo venceu. Smitty disse que, se tivesse podido usar os pés, matava o crioulo. Os rapazes responderam que o crioulo tinha as costas quebradas, por isso Smitty não podia usar os pés. — Fez uma pausa para saborear a lembrança. — Depois disso, os rapazes foram pra Soledad e fizeram o diabo. Eu não fui com eles. Não tenho mais forças pra isso.

Lennie estava acabando de fazer a cama quando o trinco de madeira foi erguido de novo. A porta se abriu. Um ho-menzinho troncudo *de jeans,* camisa de flanela, colete preto desabotoado e casaco preto surgiu na soleira. Tinha os pole-gares enfiados no cinto, um em cada lado da fivela quadrada de aço. Usava um chapéu Stetson marrom e sujo e calçava botas de salto alto e esporas, para mostrar que não era peão.

O velho olhou-o rápido e caminhou pesadamente até a porta, esfregando as suíças com os nós dos dedos.

— Os rapazes acabaram de chegar — disse. Passou pelo patrão se arrastando e saiu.

O patrão entrou no aposento com os passos curtos e ligeiros de um homem de pernas gordas.

— Escrevi para Murray e Ready que queria dois homens essa manhã. Vocês têm o cartão de trabalho?

George tirou os cartões do bolso e entregou-os ao patrão. Este os examinou.

— Não foi culpa de Murray ou Ready. Aqui diz que deviam estar no trabalho essa manhã.

George baixou os olhos para os pés.

— O motorista do ônibus nos pregou uma peça — disse. — A gente teve que andar uns dezesseis quilômetros a pé. Disse que a gente tava perto e era mentira. Não conseguimos nenhuma carona.

O patrão semicerrou os olhos.

— Bem, tive que mandar as turmas com dois homens a menos. Não adianta irem pra lá agora, antes do jantar.

Tirou do bolso a caderneta onde anotava as horas de trabalho e abriu-a onde um lápis separava suas páginas. George olhou para Lennie de maneira sugestiva, com o cenho franzido, e este balançou a cabeça afirmativamente, mostrando que entendera. O patrão lambeu a ponta do lápis.

—Seu nome?

—George Milton.

—E o seu?

— O nome dele é Lennie Small — disse George.

Os nomes foram anotados na caderneta.

—Vejamos, hoje é dia 20, meio-dia do dia 20. — Fechou a caderneta. — Onde vocês andaram trabalhando?

—Lá pras bandas de Weed — disse George.

—Você também? — perguntou o patrão a Lennie.

—E, ele também — disse George.

O patrão fez um sinal brincalhão na direção do rapaz.

—Ele não é muito de falar, hem?

—Não, mas pode ter certeza que é um trabalhador danado de bom — disse George. — Forte como um touro.

Lennie sorriu consigo mesmo.

— Forte como um touro — repetiu.

George fechou a cara para ele e Lennie baixou a cabeça, envergonhado por ter esquecido.

— Olha aqui, Small! — disse o patrão subitamente. — O que sabe fazer?

Em pânico, Lennie olhou para George, em busca de ajuda.

— Ele pode fazer tudo o que o senhor mandar — disse George. — É um bom condutor de mulas. Pode carregar sacos de cereais, manejar um arado. Pode fazer qualquer coisa. È só o senhor experimentar.

O patrão voltou-se para George.

— Então por que não deixa ele responder sozinho? O que tá tentando esconder?

George interrompeu-o em voz bem alta.

— Não estou dizendo que ele é muito esperto. Não é. Mas lhe digo que é um trabalhador danado de bom. E capaz de erguer um fardo de duzentos quilos.

O patrão guardou lentamente a caderneta no bolso. Enfiando os polegares no cinto, estreitou um dos olhos, quase a ponto de fechá-lo.

—Escute aqui. Que tapeação é essa?

—Hã?

—Perguntei em que tá tapeando esse cara. Tá roubando o pagamento dele?

—Claro que não. Por que acha que eu tou enganando ele?

—Ora, nunca vi um cara se preocupar tanto com outro. Só queria saber que interesse você tem nisso.

—Ele é... meu primo — disse George. — Prometi à velha de Lennie que tomaria conta dele. Levou um coice de cavalo na cabeça quando era criança. Mas ele tá bem. Só que ele não é muito inteligente. Mesmo assim, pode fazer qualquer coisa que o senhor mandar. O patrão fez meia-volta para sair.

—Bom, tá se vendo que ele não precisa de inteligência para carregar sacos de cevada. Mas não tenta me enganar, Milton. Tou de olho em você. Por que saiu de Weed?

—O trabalho terminou — disse George prontamente.

—Que tipo de trabalho?

—A gente tava... tava cavando uma fossa.

—Tá bem. Mas não tenta me passar a perna, porque não vai conseguir. Já vi caras espertos antes. Depois do jantar vão se juntar às turmas dos peões. Tão recolhendo a cevada na debulhadora. Vocês vão com a turma do Slim.

—Slim?

— É. Um cara alto, grande. Vai ver ele durante o jantar.

Virou-se abruptamente e caminhou para a porta. Antes de sair, entretanto, voltou-se e olhou bem os dois homens. Quando o som de seus passos não pôde mais ser ouvido, George virou-se para Lennie.

— Então você não ia dizer uma palavra, não é? Ia fechar essa matraca e deixar a conversa comigo, não é? Droga, quase que a gente perde o emprego!

Lennie olhou desamparadamente para as próprias mãos.

—Esqueci, George.

—É, esqueceu. Você sempre esquece e eu tenho que te tirar da encrenca. — Sentou-se pesadamente no catre. — Agora ele tá de olho em nós. Agora a gente tem que tomar cuidado e não errar nada. Você tem que ficar com essa matraca bem fechada. — Dito isso, tombou num silêncio sombrio.

—George.

—O que é agora?

—Não levei nenhum coice de cavalo na cabeça, levei?

—Seria bem bom que tivesse levado — disse George, maldoso. — Ia evitar muita confusão pra gente.

—Você disse que eu era seu primo, George.

—Foi uma mentira. E estou bem contente que seja. Se a gente fosse parente, eu dava um tiro na cabeça. — De súbito parou de falar, foi até a porta da frente e espiou para fora. — Ei, que que você tá escutando aí?

O velho entrou lentamente na sala, uma vassoura na mão. Junto a seus calcanhares, um cão pastor de focinho cinzento e olhos cegos embaciados caminhava arrastadamente. O cão mancou até o outro lado do aposento e se deitou, grunhindo suavemente para si mesmo e lambendo o pêlo grisalho comido de sarna. O velho peão observou o animal acomodar-se.

—Eu não tava escutando. Tava só parado na sombra um minuto, cocando meu cachorro. Acabei de varrer a lavanderia agora mesmo.

—Você tava pondo o nariz onde não é chamado — disse George. — E eu não gosto de gente abelhuda.

O velho olhou, sem graça, de George para Lennie, e depois para George de novo.

—Acabei de chegar — disse. — Não ouvi nada que vocês tavam dizendo. Não me interessa o que vocês tavam dizendo. Quem trabalha numa fazenda nunca ouve nada, nem faz perguntas.

—Claro que não — disse George, levemente abrandado. — E quem quer continuar no emprego não fica fazendo perguntas. Entra e senta um minuto — convidou, tranqüilizado pela defesa do homem. — É um cachorro danado de velho.

—E. Tenho ele desde que era filhote. Puxa, era um bom cão pastor quando era mais novo. — Encostou a vassoura na parede e esfregou os pêlos brancos do rosto com os nós dos dedos. — O que achou do patrão?

—Um bom sujeito. Parece direito.

—É um bom sujeito — concordou o velho. — A gente tem que saber lidar com ele.

Naquele instante, um rapaz entrou no alojamento. Magro, rosto crestado de sol, tinha olhos castanhos e cabelos muito crespos. Usava uma luva de trabalho na mão esquerda e, como o patrão, calçava botas de salto alto.

—Viu o meu velho? — perguntou.

—Tava aqui faz um minuto, Curley — disse o velho. — Acho que foi pra

cozinha.

—Vou ver se acho ele — disse Curley. Seu olhar percorreu os novatos e parou. Examinou George e depois Lennie com frieza. Seus braços dobraram-se gradualmente nos cotovelos enquanto fechava os punhos. O corpo enrijeceu, assumindo uma postura quase agachada, e seu olhar era cal-culador e belicoso ao mesmo tempo. Contorcendo-se sob tal olhar, Lennie moveu nervosamente os pés. Curley se aproximou dele com passos cautelosos.

—São os novos homens que o velho tava esperando?

—A gente acabou de chegar — disse George.

—Deixa o grandalhão falar. Lennie se encolheu, embaraçado.

—E se ele não quiser falar? — disse George. Curley brandiu o corpo como um chicote.

—Santo Deus, ele tem que falar quando alguém se dirige a ele! Por que você tá se metendo?

—Nós viajamos juntos — disse George friamente.

—Ah... então é assim. George estava tenso e imóvel.

—É. É assim.

Lennie olhava indefeso para George, em busca de instruções.

— E você não vai deixar o grandalhão falar, não é?

— Ele pode falar, se quiser dizer alguma coisa. — Fez um sinal com a cabeça para Lennie.

— A gente acabou de chegar — disse Lennie, suave.

Curley fitou-o gelidamente.

— Bom, da próxima vez que falarem com você, vê se responde. — Virou-se em direção à porta e saiu, os cotovelos ainda um tanto dobrados.

George observou-o saindo e virou-se para o velho.

— Que bicho mordeu ele? Lennie não fez nada.

O velho olhou cautelosamente para a porta, certificando-se de que ninguém estava à escuta.

—É o filho do patrão — disse, calmo. — Sabe brigar bem. Já fez um bom papel entre as cordas de um ringue. É um peso-leve e sabe brigar bem.

—Se sabe brigar bem é problema dele — disse George —, mas não tem que se meter com Lennie, que não fez nada pra ele. O que que ele tem contra Lennie?

O velho pareceu refletir.

— Bom... vou lhe dizer uma coisa. Curley é como um monte de sujeitos pequenos. Detesta camaradas grandes. Ta o tempo todo provocando os grandes. Como se tivesse raiva de não ser um deles. Já viu caras assim, não viu? Sempre provocando briga.

—Claro — disse George. —Já vi um monte desses caras pequenos e durões. Mas é melhor esse Curley não criar caso com o Lennie. Lennie não é de briga, mas se esse nojento se meter com ele vai se dar mal.

—Bem, Curley é brigão — disse o velho ceticamente.

—Nunca achei isso direito. Se mete o braço num sujeito grande e lhe dá uma

surra, todo mundo diz que Curley é um osso duro. Se faz a mesma coisa e leva uma surra, então todos dizem que o cara grande devia escolher alguém do seu tamanho pra brigar e todos caem em cima do cara. Nunca achei isso certo. É como se Curley não desse chance a ninguém.

George observava a porta.

— Ele que se cuide com o Lennie — disse agourentamente. — Lennie não é um lutador, mas é bastante forte e rápido. E não conhece as regras. Aproximou-se da mesa quadrada. Sentou-se num dos caixotes, recolheu algumas cartas e pôs-se a embaralhá-las. O velho sentou-se em outro caixote.

— Não diz pro Curley que eu te contei isso. Ele é capaz de me matar. Pra ele tanto faz. Nunca vai em cana porque o pai é o patrão.

George cortou as cartas e começou a virá-las, olhando cada uma e colocando-as numa pilha.

—Pra mim esse Curley não passa de um filho da puta. Não gosto desses caras pequenos e maus.

—Acho que ele tá pior ultimamente — disse o velho.

—Se casou faz duas semanas. A mulher mora na casa do patrão. Curley parece mais metido a besta desde que casou.

— Deve estar se mostrando pra mulher dele — grunhiu George.

O velho se animou com o mexerico que ia contar.

—Reparou a luva que usa na mão esquerda?

—Reparei sim.

—Tá cheia de vaselina.

—Vaselina? Pra quê?

— Bom, eu lhe digo... Curley disse que conserva a mão macia pra mulher dele.

George estudou as cartas, parecendo absorto.

— Coisa suja pra se andar dizendo por aí.

Agora o velho estava tranqüilo. Conseguira arrancar uma declaração depreciativa de George. Sentia-se seguro. Continuou com mais confiança:

— Espera até ver a mulher de Curley.

George cortou as cartas de novo e iniciou lenta e delibe-radamente um jogo de paciência.

— Bonita? — perguntou casualmente.

—É. Bonita, mas... George estudava as cartas.

—Mas o quê?

—Bom... anda namorando.

—Casada há duas semanas e já tá namorando? Talvez seja por isso que o Curley tá com o diabo no corpo.

—Eu vi ela lançando olhares pro Slim. Slim é um ar-rieiro de primeira linha. Um sujeito muito decente. Não precisa usar botas de salto alto pra trabalhar. Eu vi ela lançando olhares pra ele. Curley não viu. E vi também ela lançando olhares pro Carlson.

George fingiu desinteresse.

— Parece que a coisa é divertida por aqui.

O velho ergueu-se do caixote.

—Sabe o que eu acho? — George não respondeu. — Acho que Curley casou com uma... vagabunda.

—Não é o primeiro — disse George. — Muita gente já fez isso.

O velho caminhou para a porta. O cão ergueu a cabeça, espiou e levantou-se penosamente para segui-lo.

—Tenho que preparar as bacias prós homens se lavarem. As turmas vão chegar logo. Vocês vão carregar cevada?

—Vamos.

—Não vai contar pro Curley o que eu disse, vai?

—Ora essa! Claro que não.

—Tá bem. Dá uma boa espiada nela, moço. Vai ver se é ou não uma vagabunda.

Saiu, mergulhando no dia ensolarado. George dispôs as cartas pensativamente, virando-as de três em três. Pôs um quatro de paus sobre uma pilha de ases. O quadrado de sol projetava-se agora no chão, e as moscas dardejavam por ele como faíscas. De fora, o tilintar de arreios e o ranger de eixos muito carregados chegou até a casa. Um grito claro veio de longe:

— Peão do estábulo! Ei, peão do estábulo! Onde está esse crioulo desgraçado?

George olhou as cartas na mesa, juntou-as e encarou Lennie, que o observava, deitado no catre.

— Olha, Lennie. Não tou gostando desse negócio. Tou com medo. Você vai ter problemas com esse Curley. Já vi tipos como esse antes. Ele andou te testando. Acha que te assustou e vai te meter o braço na primeira chance.

Lennie olhou para George, assustado.

— Eu não quero encrenca — disse chorosamente. — Não deixa ele me bater.

George foi até o catre de Lennie e sentou-se.

—Detesto caras nojentos como ele — disse. — Já vi um monte assim. Como o velho falou, Curley não se arrisca. Sempre ganha. — Pensou durante um momento. — Se ele se meter contigo, Lennie, vamos parar na cadeia. Nem tem dúvida. Ele é o filho do patrão. Tenta ficar longe dele, tá bem, Lennie? Não fala nunca com ele. Se ele entrar aqui, vai pro outro lado do quarto, tá bem?

—Não quero encrenca — lamentou-se Lennie. — Nunca fiz nada pra ele.

—Isso não vai adiantar nada se Curley quiser bancar o lutador de boxe. Trata de ficar longe dele. Vai lembrar disso?

—Claro, George. Não vou dizer uma palavra.

O rumor das turmas que se aproximavam era cada vez mais forte, o bater de grandes cascos no chão duro, o puxar dos freios e o tinido dos tirantes. As turmas gritavam umas para as outras. Sentado no beliche ao lado de Lennie, George franziu a testa enquanto pensava.

—Tá zangado? — perguntou Lennie timidamente.

—Não com você. Tou zangado com esse safado do Curley. Eu tava com a

esperança que a gente juntasse alguns cobres... quem sabe uns cem dólares. — Sua voz assumiu um tom decisivo. — Fica longe do Curley, Lennie.

—Vou ficar sim, George. Não vou dizer uma palavra.

—Não aceita a provocação dele. Mas se o filho da puta te bater, dá o troco.

—Que troco, George?

—Deixa prá lá. Eu te digo quando. Detesto esse tipo de sujeito. Olha, Lennie, se você se meter em qualquer tipo de confusão, vai se lembrar do que eu disse?

Lennie se ergueu sobre um cotovelo, os pensamentos lhe contorcendo o rosto. Depois, seu olhar moveu-se tristemente até George.

—Se eu me meter em confusão, você não vai me deixar cuidar dos coelhos.

—Não foi isso que eu disse. Lembra onde dormimos na noite passada? Lá perto do rio?

—Ah, lembro! Claro que lembro! Eu vou pra lá e me escondo no mato.

—Isso, se esconde até eu te procurar. Não deixa ninguém te ver. Se esconde nas moitas perto do rio. Repete isso.

—Me escondo nas moitas perto do rio, bem lá nas moitas perto do rio.

—Se você se meter em confusão.

—Se eu me meter em confusão.

O freio de um carro guinchou lá fora. Ouviu-se um grito:

—Peão do estábulo! Ei, peão do estábulo!

—Repete de novo pra você, Lennie. Pra não esquecer — disse George.

Os dois homens ergueram os olhos, pois o retângulo de sol da porta fora escurecido. A moça ali em pé e que olhava para dentro tinha lábios cheios e vermelhos, olhos espaçados e cobertos com pesada maquiagem. Suas unhas eram vermelhas. Os cabelos pendiam em pequenos cachos enrolados que lembravam salsichas. Usava um vestido caseiro de algodão e chinelas vermelhas enfeitadas com pequenos ramalhe-tes de penas de avestruz também vermelhas.

— Estou procurando Curley — disse ela, numa voz anasalada quebradiça.

George desviou os olhos e tornou a olhá-la.

—Tava aqui faz pouco tempo, mas foi embora.

—Ah! — Ela pôs as mãos atrás das costas e encostou-se à soleira da porta, o corpo projetado para a frente. — Vocês são os homens que acabaram de chegar, não é?

— E.

Os olhos de Lennie percorreram o corpo da mulher de cima a baixo. Embora não parecesse percebê-lo, a mulher ergueu um pouco a cabeça; depois, fitou as próprias unhas.

—Às vezes Curley tá por aqui — explicou.

—Agora não tá — disse George bruscamente.

—Se não tá, é melhor eu olhar em outro lugar — disse ela num tom brincalhão.

Lennie a contemplava, fascinado.

— Se eu encontrar o Curley, conto que a senhora tá procurando ele — disse George.

Ela sorriu maliciosamente e torceu o corpo.

—Ninguém pode ser censurado por procurar. Alguns passos soaram atrás dela.

A mulher virou a cabeça.

—Oi, Slim — disse.

—Oi, beleza — disse a voz de Slim além da porta.

—Tava tentando achar o Curley.

— Então não tá tentando o bastante. Eu vi ele indo pra sua casa.

Subitamente ela se mostrou apreensiva.

— Até logo, rapazes — gritou para dentro, saindo às pressas.

George encarou Lennie.

—Caramba, que vagabunda! Então foi isso que Curley escolheu pra esposa.

—Ela é bonita — defendeu-a Lennie.

—É, mas tá escondendo isso. Curley vai ter muito que fazer. Mas ela é capaz de abandonar o marido por vinte dólares.

Lennie ainda fitava o local onde a mulher estivera.

—Puxa, como é bonita! — Sorriu de admiração. George baixou os olhos rapidamente até ele, pegou-o por uma orelha e sacudiu-o.

—Olha aqui, seu patife maluco — disse ferozmente. — Nem ousa olhar pra essa cadela. Pouco me importa o que ela faz ou diz. Já vi venenos desse tipo antes, mas chave de cadeia pior do que essa eu nunca vi. Deixa ela em paz.

Lennie tentou libertar a orelha.

— Eu não fiz nada, George.

—Não, não fez. Mas quando ela tava parada ali na porta, mostrando as pernas, você também não tava olhando pro outro lado.

—Não quis fazer mal a ninguém, George. Juro que não.

—Bom, fica longe dela. Essa mulher é uma ratoeira, eu sei que é. Deixa o Curley levar o golpe. Ele mesmo mordeu a isca. Luva cheia de vaselina... — acrescentou, com repugnância. — Aposto que anda tomando ovos crus e pedindo fortificantes às farmácias pelo correio.

Lennie exclamou de repente:

—Não gosto desse lugar, George. Não é um bom lugar. Quero sair daqui.

—Temos que ficar até juntarmos uns cobres. Não há jeito, Lennie. A gente dá o fora logo que puder. Não gosto desse lugar também. — Voltou à mesa e arrumou as cartas para uma nova paciência. — Não, também não gosto. Por dois pacotes eu caía fora daqui. Se a gente conseguisse alguns dólares podia ir para o rio American garimpar ouro. Quem sabe a gente fazia uns dois dólares por dia lá? Quem sabe a gente até achava um veio?

Lennie curvou-se ansiosamente para ele.

—Vamos, George. Vamos dar o fora daqui. Este lugar é ruim.

—A gente tem que ficar — disse George, seco. — Agora cala a boca. Os homens tão chegando.

Do banheiro próximo vinha o som de água corrente e o tinido das bacias. George estudou as cartas.

— Talvez a gente devesse se lavar — disse. — Mas não fizemos nada pra ficar sujos.

Um homem alto apareceu à porta. Trazia um chapéu Stet-son amassado sob o braço enquanto penteava o cabelo preto, longo e úmido para trás. Como os outros, usava *jeans* e uma curta jaqueta de brim. Quando terminou de pentear o cabelo, entrou na sala, movendo-se com uma majestade digna de reis e mestres artífices. Era um arrieiro de primeira linha, o príncipe da fazenda, capaz de conduzir dez, dezesseis, até mesmo vinte mulas com uma única rédea presa nos animais dianteiros. Capaz de matar uma mosca na anca de uma mula com uma chicotada sem ferir a pele do animal. Havia em suas maneiras uma quietude e gravidade tão profundas que todos se calavam quando falava. Era tão grande sua autoridade que cada palavra pronunciada por ele era aceita como definitiva em qualquer assunto, fosse política ou amor. Era Slim, o arrieiro de primeira linha. Seu rosto fino e comprido não tinha idade. Poderia ter trinta e cinco ou cinqüenta anos. Ouvia mais do que lhe diziam, e seu lento falar tinha subtons de compreensão além do pensamento. Suas mãos longas e esbeltas eram tão delicadas ao agir como as de uma dançarina do templo.

Alisou seu chapéu amassado, fez-lhe um sulco na parte de cima e colocou-o na cabeça. Então, olhou amavelmente os dois homens.

—Tá uma claridade danada lá fora — disse, suave. — Não consigo ver nada aqui. São os novos peões?

—Acabamos de chegar — disse George.

—Vão carregar cevada?

—Foi o que o patrão disse.

Slim sentou-se num caixote diante da mesa, à frente de George. Estudou a paciência que via de cabeça para baixo.

—Espero que entrem na minha turma — disse. Sua voz era muito suave. — Tenho um par de idiotas nela que não distinguem um saco de cevada de um monte de feno. Já trabalharam com cevada?

—Já, claro — disse George. — Eu não posso me gabar, mas aquele grandalhão ali pode carregar mais grãos sozinho que dois homens juntos.

Seguindo a conversa com os olhos se movendo de um para o outro homem, Lennie sorriu complacentemente ante o cumprimento. Slim olhou George com aprovação por suas palavras. Inclinou-se sobre a mesa e deu um piparote na ponta de uma carta solta.

—Vocês viajam juntos? — Seu tom era amigável, convidando a confidencias sem exigi-las.

—E — disse George. — Mais ou menos tomamos conta um do outro. — Apontou Lennie com o polegar. — Ele não é lá muito inteligente. Mas é um trabalhador bom à beca. Um sujeito ótimo, só que não é muito inteligente. Conheço ele há muito tempo.

Slim olhou através de George, além dele.

—Não há muitos camaradas que viajam juntos — murmurou. — Não sei por

quê. Talvez todos tenham medo uns dos outros neste mundo desgraçado.

—E muito melhor viajar com um cara que se conhece — disse George.

Um homem vigoroso e barrigudo entrou na casa dos peões. De sua cabeça ainda pingava a água do banho.

—Oi, Slim — disse. Então parou e olhou para George e Lennie.

—Esses rapazes acabaram de chegar — disse Slim, à guisa de apresentação.

—Muito prazer — disse o homem. — Meu nome é Carlson.

—Eu me chamo George Milton e este aqui é Lennie Small.

—Muito prazer — repetiu o homem. — Ele não é muito pequeno[1]. — Riu suavemente da brincadeira. — Não é pequeno de jeito nenhum. Queria te perguntar, Slim, como vai sua cadela? Notei que ela não foi com o carro essa manhã.

—Deu cria ontem à noite — disse Slim. — Nove filhotes. Afoguei logo quatro deles. Ela não ia poder alimentar tantos.

—Ficaram cinco, hem?

—É, cinco. Fiquei com os maiores.

—Que tipo de cachorro acha que vão ser?

—Não sei — disse Slim. — Acho que pastores. Os cachorros que andavam por aí quando ela tava no cio eram pastores na maioria.

—Sobraram cinco — continuou Carlson. — Vai ficar com todos?

—Não sei. Tenho que ficar com eles por enquanto, pra Lulu amamentar eles.

—Olha aqui, Slim — disse Carlson reflexivamente. — Estive pensando. O cachorro do Candy tá tão velho que quase não pode andar. Além de tudo, fede. Cada vez que ele entra no alojamento dos peões sinto o cheiro dele por dois ou três dias. Por que não diz pro Candy dar um tiro no cachorro velho e lhe entrega um desses filhotes pra criar? Posso sentir o cheiro do cachorro dele a mais de um quilômetro. Não tem dentes, tá quase cego, não pode comer. Candy dá leite pra ele. Não pode mastigar mais nada.

George fitava Slim atentamente. Súbito, um triângulo começou a tocar do lado de fora; a princípio devagar, depois cada vez mais forte até que a batida se tornou um som único. Parou então de inopino, como começara.

— Lá vamos de novo — disse Carlson.

Do lado de fora vinha o rumor das vozes dos homens que passavam.

Slim pôs-se de pé lentamente, com dignidade.

— É melhor vocês virem agora enquanto tem alguma coisa pra comer. Em dois minutos eles devoram tudo.

Carlson deu um passo para trás, deixando que Slim tomasse a dianteira, e saíram a seguir.

Lennie observava George, exultante. Este reuniu as cartas numa pilha bagunçada:

—Tá certo — disse. — Eu escutei, Lennie. Vou perguntar pra ele.

—Um marrom e branco — exclamou Lennie, excitado.

— Vamos jantar. Não sei se ele tem um marrom e branco.

Lennie não se moveu do catre.

—Pergunta a ele agora, George, pra ele não matar mais nenhum.

—Tá. Vamos, levanta.

Lennie rolou para fora do catre e ficou de pé. Quando alcançavam a porta, Curley irrompeu:

—Viu uma moça por aqui? — perguntou, zangado.

—Faz uma meia hora, acho — disse George friamente.

—Que que ela tava fazendo aqui?

George permaneceu imóvel, observando o homenzinho zangado.

— Disse... disse que tava te procurando — respondeu, insolente.

Curley pareceu ver George pela primeira vez. Seus olhos dardejaram por ele, medindo-lhe a altura, a envergadura, o tronco bem modelado.

— Bom. Pra que lado ela foi? — perguntou finalmente.

— Não sei — disse George. — Não olhei.

Curley fechou a cara e saiu apressado.

— Sabe, Lennie, tenho medo de eu mesmo arranjar confusão com esse palhaço — disse George. — Detesto o atrevimento dele. Puxa, vamos! Não vai sobrar nada pra gente comer.

Saíram. A luz do sol era uma linha fina sob a janela. Podia-se ouvir o tilintar de pratos a distância. Depois de um momento, o velho cão entrou claudicante pela porta aberta. Percorreu o lugar com seus olhos meio cegos, farejou e então deitou-se, colocando a cabeça entre as patas. Curley tornou a irromper porta adentro e ficou ali, olhando o aposento. O cão ergueu a cabeça. Quando Curley arremessou-se para fora, a cabeça de pêlos grisalhos do cachorro abaixou-se novamente, formando uma linha junto ao chão.

3

Embora o brilho do crepúsculo ainda se mostrasse pelas janelas do alojamento dos peões, a obscuridade se instalara do lado de dentro. Através da porta aberta chegavam as batidas abafadas e os tinidos de um jogo de ferradura. De vez em quando, vozes se erguiam para aplaudir ou zombar.

Slim e George entraram juntos no alojamento sombrio. Slim estendeu o braço por cima da mesa e acendeu a lâmpada elétrica com quebra-luz de lata. Instantaneamente, uma luz brilhante jorrou sobre a mesa, o cone de metal dirigindo a claridade para baixo, deixando os cantos do aposento no escuro. Slim sentou-se num caixote e George acomodou-se diante dele.

—Não foi nada — disse Slim. — Eu ia ter que afogar a maioria deles, de qualquer modo. Não precisa me agradecer.

—Não é importante pra você, mas pra ele é um Deus nos acuda — disse George. — Puxa, não sei como a gente vai fazer ele dormir aqui hoje. Vai querer dormir lá no celeiro com eles. Vai ser difícil pra gente não deixar ele pular na caixa junto com os filhotes.

—Não foi nada — repetiu Slim. — Olha, você tava mesmo certo a respeito dele. Não é lá muito inteligente, mas nunca vi um trabalhador tão bom. Quase matou o cara que trabalhava com ele de tanto carregar cevada. Ninguém pode chegar aos pés dele. Santo Deus, nunca vi um homem tão forte!

—É só dizer a Lennie o que fazer e ele faz, desde que não tenha que pensar — disse George com orgulho. — Não pode pensar em nada sozinho, mas cumpre as ordens muito bem.

De fora chegou o tinido de uma ferradura batendo numa estaca de ferro, acompanhado de vozes animadas.

Slim recuou um pouco, afastando-se da luz.

—É engraçado vocês dois andarem juntos. — As palavras eram um tranqüilo convite de Slim à confidencia.

—O que que há de engraçado nisso? — perguntou George, na defensiva.

—Ah, sei lá. Não é comum ver dois sujeitos viajando juntos. Eu não me lembro de ter visto. Sabe como são as coisas, eles chegam, pegam uma cama, trabalham um mês e depois vão embora sozinhos. Não parecem dar um tostão por ninguém. É por isso que é engraçado um maluco como ele e um cara esperto como você viajarem juntos.

—Ele não é maluco — disse George. — É bastante imbecil, mas não é maluco. E eu também não sou tão esperto assim, ou não iria carregar cevada por cinqüenta pacotes e mais a comida. Se eu fosse esperto, ou pelo menos um pouco mais vivo, já teria um lugarzinho meu com minha própria plantação, em vez de fazer todo o trabalho e não pôr as mãos em nada do que nasce da terra.

George silenciou. Queria falar. Slim, contudo, não o encorajou nem desencorajou; apenas sentou-se lá, quieto e receptivo.

—Não é tão engraçado a gente andar junto — disse George finalmente. — Nós dois nascemos em Auburn. Eu conhecia a tia dele. Ela ficou com Lennie quando ele ainda era um bebê e criou ele e tudo. Quando a tia morreu, Lennie veio comigo pra trabalhar. Depois de algum tempo, a gente se acostumou um com o outro.

—Hum.

George fitou Slim e viu seus olhos calmos, com algo de divino, postos sobre ele.

— Engraçado — disse George. — Eu costumava me divertir muito às custas de Lennie. Fazia brincadeiras com ele, porque era muito idiota pra tomar conta de si mesmo. Mas era idiota até mesmo pra notar que eu fazia brincadeiras com ele. Eu me divertia. Me fazia sentir inteligente pra burro ficar perto dele. Puxa, fazia tudo o que eu mandava. Se eu mandasse ele pular de um penhasco, ele pulava. Depois de algum tempo, a coisa já não era tão engraçada. Ele nunca ficava zangado. Dei umas boas surras nele. E apesar de poder moer os meus ossos só com uma das mãos, ele nunca levantou um dedo contra mim. — A voz de George assumiu o tom baixo de confidencia. — Vou te dizer o que me fez parar com aquilo. Certo dia, um bando de caras tava perambulando pelo rio Sacramento. Eu tava me sentindo muito esperto. Virei para Lennie e disse: "Pula no rio". E ele pulou. Não sabia dar uma braçada. Quase se afogou antes que a gente pudesse pescar ele. E ficou tão agradecido porque eu tirei ele da água! Tinha esquecido totalmente que eu havia mandado ele pular. Bem, daí em diante nunca mais fiz nada parecido.

— Ele é um bom sujeito — disse Slim. — Um cara não precisa ter juízo pra ser um bom sujeito. Ás vezes acho até que é o contrário. Difícil é um cara realmente inteligente ser um bom sujeito.

George reuniu as cartas dispersas e arrumou-as numa paciência. O som abafado das ferraduras chegava do lado de fora. A luz do entardecer ainda destacava o quadrado das janelas.

—Não tenho família — disse George. — Tenho visto os caras que andam sozinhos pelas fazendas. Não é uma coisa boa. Não se divertem. Com o tempo eles ficam maus. Querem brigar o tempo todo.

—E, ficam maus — concordou Slim. — Ficam assim porque não querem conversar com ninguém.

—Claro que Lennie é uma chateação na maior parte do tempo — disse George. — Mas a gente se acostuma a andar com um cara por aí e não pode se livrar dele.

—Ele não é mau — disse Slim. — Posso ver que Lennie não é nem um pouco mau.

—Claro que não é mau. Mas se mete em confusão o tempo todo porque é imbecil demais. Como a que aconteceu em Weed... — Parou no gesto de virar uma carta, olhando alarmado para Slim. — Não vai contar a ninguém, vai?

—Que que ele fez em Weed? — perguntou Slim calmamente.

—Não vai contar?... Não, claro que não vai contar.

—Que que ele fez em Weed? — repetiu Slim.

—Bom, ele viu uma moça de vestido vermelho. Imbecil como é, quer tocar em tudo o que gosta. Só para sentir como é. Pelo tato. Então, estendeu a mão pra tocar

no vestido da moça, ela deu um grito e aí Lennie ficou todo confuso e continuou agarrando o vestido, porque era a única coisa que podia pensar em fazer. Bem, a moça continuou gritando. Eu tava só um pouquinho longe e escutei toda aquela gritaria. Então, saí correndo. Naquele instante, Lennie tava tão amedrontado que tudo o que sabia fazer era continuar segurando a moça. Dei-lhe uma bordoada na cabeça com uma estaca de cerca, pra ele largar ela. Tava tão apavorado que não conseguia largar o vestido dela. E você sabe que ele é forte pra burro.

Os olhos de Slim fixavam-se em George sem pestanejar. Fez um lento sinal de assentimento com a cabeça.

— E o que que aconteceu?

George continuou a arrumar cuidadosamente o jogo de paciência.

— Bom, a moça deu no pé e foi contar pra polícia que tinha sido violentada. Os camaradas de Weed se reuniram pra linchar Lennie. Então a gente se escondeu numa vala de irrigação e ficou debaixo d'água o dia inteiro. Só botava a cabeça de fora entre o mato que cresce dentro d'água. E, de noite, demos o fora dali.

Slim ficou em silêncio durante um momento.

—Ele não fez nenhum mal à moça, fez? — perguntou finalmente.

—De jeito nenhum. Só assustou ela. Eu também ficaria assustado se ele me agarrasse. Mas ele não fez mal nenhum a ela. Só queria tocar no vestido vermelho, do mesmo modo que quer fazer festa nos filhotes o tempo todo.

—Ele não é mau — disse Slim. — Posso dizer quando um cara é mau a um quilômetro de distância.

—Claro que não é. E faz qualquer coisa que eu disser pra ele...

Lennie entrou no alojamento. A jaqueta de brim azul estava atirada sobre os ombros, como uma capa, e ele caminhava encurvado.

—Oi, Lennie — disse George. — Que que tá achando do filhote agora?

—Ele é marrom e branco, bem como eu queria — disse Lennie, arquejante. Foi direto para o próprio catre, deitou-se, virou o rosto para a parede e suspendeu os joelhos.

George colocou as cartas na mesa, num gesto decidido.

— Lennie — disse asperamente.

O rapaz torceu o pescoço e olhou por cima do ombro.

—Ha? O que é, George?

—Eu te disse que não podia trazer o filhote pra cá.

— Que filhote, George? Não trouxe nenhum filhote.

George foi rapidamente até ele, agarrou-o pelo ombro
e virou-o. Estendeu a mão e pegou o minúsculo cãozinho escondido por Lennie junto à barriga. Lennie sentou-se, rápido.

—Me dá ele, George.

—Você vai sair já daqui e levar o filhote de volta pra ninhada. Ele tem que dormir com a mãe. Quer matar ele? Nasceu na noite passada e você já quer tirar ele da cadela! Leva ele de volta, senão eu digo ao Slim pra não te dar filhote nenhum.

Lennie estendeu as mãos suplicantes.

— Me dá ele, George. Eu levo de volta. Não quis fazer mal a ele. Juro, George. Só queria fazer festa nele mais um pouco.

George entregou-lhe o filhote.

— Tá bem. Leva logo ele pra lá e não tira mais. Senão, acaba matando o bicho.

Lennie saiu quase correndo.

Slim permanecera imóvel, os olhos calmos seguindo Lennie porta afora.

—Caramba! — disse. — Ele é igualzinho a uma criança, não é?

—E, é. Igualzinho a uma criança. Ele não tem maldade, igual a uma criança. Só que ele é forte à beca. Aposto que ele não vem dormir aqui essa noite. Vai dormir bem junto daquela caixa no celeiro. Bom... não tem importância. Não vai fazer nada de errado ali.

Do lado de fora já estava quase escuro. Candy, o velho varredor, entrou no alojamento e se dirigiu a um dos catres, seguido a custo por seu cão.

—Olá, Slim. Olá, George. Vocês não gostam de jogar ferradura?

—Não gosto de jogar todas as noites — disse Slim.

—Um de vocês tem uma gota de uísque? — continuou Candy. — Tou com dor de barriga.

—Eu não — disse Slim. — Eu mesmo bebia se tivesse algum, com dor de barriga ou não.

—Tou com uma dor de barriga braba — disse Candy.

—Foram aqueles malditos nabos que me deram. Sabia que iam me fazer mal antes mesmo de comer.

O corpulento Carlson surgiu do terreiro que escurecia. Andou até o outro extremo do alojamento e acendeu o segundo quebra-luz.

—Tá mais escuro que o inferno aqui dentro — disse.

—Santo Deus, como aquele crioulo acerta nas ferraduras!

—Ele é muito bom — disse Slim.

—Bom à beca — disse Carlson. — Não dá a ninguém uma chance de ganhar... — Parou e cheirou o ar. Ainda cheirando, descobriu o velho cão. — Nossa Senhora, como esse cachorro fede! Tira ele daqui, Candy! Não conheço nada que cheire pior do que um cachorro velho. Você tem que tirar ele daqui.

Candy rolou para a beira do catre. Estendendo a mão, alisou o velho cão e se desculpou.

—Tenho ficado perto dele tanto tempo que nem noto que fede.

—Bom, não posso agüentar ele aqui dentro — disse Carlson. — O fedor fica por aqui mesmo depois que ele vai embora. — Com suas passadas pesadas, andou até o cão e olhou-o.

—Não tem dentes e está todo duro de reumatismo. Ele não tá bom pra você, Candy. Não tá bom nem pra ele mesmo. Por que não mata ele, Candy?

O velho se retorceu, desconfortável.

— Ora... que diabo! Ele é meu há tanto tempo! Tenho ele desde que era um filhote. Conduzia as ovelhas com ele. Vocês não acreditam olhando pra ele, mas foi

o melhor cão pastor que já vi na vida — disse com orgulho.

— Em Weed conheci um cara que cuidava das ovelhas com um *airedale*[1] — disse George. — Aprendeu com os ou tros cachorros.

Carlson não quis mudar de assunto.

— Olha aqui, Candy. Esse cachorro velho tá sofrendo o tempo todo. Se você levar ele lá pra fora e atirar nele bem na nuca — inclinou-se, apontando —, bem nesse lugar, ele nem vai sentir nada.

Candy olhou em torno, infeliz.

—Não — disse suavemente. — Não, não posso fazer isso. Tive ele durante muito tempo.

—Mas ele vive sofrendo — insistiu Carlson. — E fede como o diabo. Escuta aqui. Eu mato ele pra você. Assim, não é você quem aperta o gatilho.

Candy pôs as pernas para fora do catre. Cocou nervosamente os pêlos brancos das suíças.

—Tou tão acostumado com ele! — murmurou. — Tenho ele desde que era um filhote.

—Mas não tá sendo bom pra ele deixando que viva — disse Carlson. — Olha, a cadela do Slim acaba de dar cria. Aposto que o Slim te dá um dos filhotes, não dá, Slim?

O arrieiro estudava o velho cão com seus olhos calmos.

— Claro — disse. — Posso te dar um filhote se você quiser. — Pareceu sentir-se mais livre ao falar. — Carl está certo, Candy. Esse cachorro vive sofrendo. Eu gostaria que alguém me desse um tiro se eu estivesse velho e aleijado.

Candy olhou para ele indefeso, pois as opiniões de Slim eram lei.

—Talvez ele sinta dor — sugeriu. — Não me importo de cuidar dele.

—Vou atirar de um modo que ele não vai sentir nada — disse Carlson. — Vou pôr o cano da arma bem aqui. — Apontou com o pé. — Bem atrás da cabeça. Nem vai estremecer.

Candy olhou de rosto para rosto em busca de ajuda. Do lado de fora, a escuridão era total. Um jovem trabalhador de ombros caídos entrou caminhando pesadamente como se carregasse ainda um saco invisível de cereal. Foi até o seu catre e pôs o chapéu na prateleira. Então, tirou dela uma revista ordinária e levou-a até a luz sobre a mesa.

—Mostrei isso a você, Slim? — perguntou.

—Me mostrou o quê?

O rapaz abriu a revista na parte de trás, colocou-a sobre a mesa e apontou com o dedo:

—Lê bem aqui. — Slim curvou-se sobre a revista. — Vai em frente — disse o rapaz. — Lê alto.

—"Caro editor" — leu Slim lentamente. — "Leio sua revista há seis anos e acho que é a melhor que existe. Gosto das histórias escritas por Peter Rand. Acho ele um cara fantástico. Queremos mais histórias como a do Cavaleiro Negro. Eu não escrevo muitas cartas. Só pensei em lhe dizer que o dinheiro que gasto em sua

revista é o mais bem gasto de todos."

Slim ergueu os olhos interrogadoramente:

—Pra que você pediu pra eu ler isso?

—Continua — disse Whit. — Lê o nome no final.

—"Desejando o seu sucesso, William Tenner." — Ergueu de novo os olhos para Whit. — Pra que pediu pra eu ler isso?

Whit fechou a revista com ar significativo.

— Não se lembra de Bill Tenner? Que trabalhava aqui uns três meses atrás?

Slim refletiu.

—Um sujeito pequeno? Que trabalhava no arado?

—É — exclamou Whit. — É esse!

—Acha que é o cara que escreveu essa carta?

—Sei que é. Eu tava com Bill aqui um dia. Ele tava com uma dessas revistas que tinham acabado de chegar. Tava olhando pra uma delas e me disse: "Escrevi uma carta. Será que eles publicaram ela?" Mas não tava na revista. "Acho que tão guardando ela pra mais tarde." Foi exatamente o que fizeram. Tá aqui.

—Acho que tem razão — disse Slim. — Tá aqui na revista.

George estendeu a mão para a revista.

— Posso dar uma olhada?

Whit tornou a achar a página, mas não largou a revista. Apontou a carta com o indicador. Depois, foi até sua prateleira e guardou cuidadosamente a revista.

— Eu só queria saber se Bill já leu isso — disse. — A gente trabalhava na plantação de ervilhas. A gente manobrava o arado. Bill era um cara legal à beca.

Carlson recusava-se a ser arrastado para a conversa. Continuava a olhar o velho cão enquanto Candy o observava, pouco à vontade.

—Se quiser, eu acabo com o sofrimento dele agora mesmo e fica tudo terminado — disse Carlson finalmente. — Ele não tem nada com que se divertir. Não pode comer, não pode enxergar, não pode nem mesmo andar sem sofrer.

—Você não tem arma — disse Candy, esperançoso.

—Não tenho uma ova. Tenho uma Luger. Ele não vai sentir nada.

—Quem sabe amanhã? — disse Candy. — Vamos esperar até amanhã.

—Pra que esperar? — disse Carlson. Foi até seu catre, puxou a mala debaixo dele e tirou uma pistola Luger.

—Vamos acabar com isso. Não se pode dormir com o fedor dele aqui no ar. — Colocou a pistola no bolso traseiro das calças.

Candy fitou longamente Slim, tentando obter a revogação da sentença. Mas Slim não veio em seu auxílio.

— Tá bem... pode levar ele — murmurou Candy finalmente, desesperançado.

Não tornou a olhar para o cão. Deitou-se no catre, cruzou os braços sob a cabeça e fitou o teto.

Carlson tirou do bolso uma fina correia de couro. Inclinou-se e atou-a no pescoço do cão. Todos os homens, exceto Candy, o observavam.

— Vamos, rapaz. Vamos, rapaz — disse suavemente. — Ele não vai sentir nada

— acrescentou para Candy, em tom de desculpa.

Candy não se moveu nem respondeu coisa alguma. Carlson puxou a correia:

—Vamos, rapaz. — O velho cão pôs-se lenta e rigidamente de pé, seguindo a correia que o puxava com brandura.

—Carlson — disse Slim.

—Hem?

—Você sabe o que fazer?

—O quê, Slim?

—Leva uma pá — disse Slim sucintamente.

—Ah, tá. Pode deixar. — Conduziu o cão para a noite escura.

George foi até a porta e fechou-a, correndo o trinco de madeira sem fazer ruído. Candy jazia rigidamente na cama, olhando o teto.

— Uma das minhas mulas quebrou um casco — comentou Slim em voz alta. — Tenho que botar um pouco de alcatrão nele.

Sua voz se extinguiu. O silêncio continuava lá fora, depois que os passos de Carlson haviam desaparecido na distância. O silêncio entrou na casa dos peões e ali se instalou.

—Aposto que Lennie tá lá no celeiro com o filhote — riu George. — Não vai querer mais voltar pra cá agora que tem um cachorro.

—Candy, você pode ter qualquer filhote que quiser — disse Slim.

O velho não respondeu. O silêncio instalou-se na casa novamente, vindo da noite.

—Alguém quer jogar um pouco? — perguntou George.

—Eu quero — disse Whit.

Sentaram-se à mesa, um diante do outro, sob a luz, mas George não embaralhou as cartas. Fez estalar nervosamente as bordas do baralho e o ruído rascante atraiu os olhares de todos. Então ele parou com o ruído. O silêncio recaiu sobre o alojamento. Passou-se um minuto, seguido do outro. Ainda imóvel, Candy fitava o teto. Slim pousou os olhos nele por um momento e depois olhou as próprias mãos. Segurou uma delas com a outra e manteve-a abaixada. Ouviu-se o som de algo sendo roído debaixo do chão; todos os homens olharam para baixo, agradecidos. Só Candy continuava a fitar o teto.

—Parece que tem um rato lá embaixo — disse George. — A gente devia botar uma ratoeira lá.

—Droga, por que que ele tá demorando tanto? — exclamou Whit. — Quer dar as cartas de uma vez? Senão a gente não vai poder jogar nada.

George juntou bem as cartas e estudou suas lombadas. O silêncio ocupara a casa novamente.

Ouviu-se um tiro a distância. Os homens olharam rapidamente para o velho deitado. Todas as cabeças se voltaram para ele.

Por um instante Candy continuou a fitar o teto. Então, lentamente, rolou sobre si mesmo e, de rosto para a parede, permaneceu imóvel.

George embaralhou ruidosamente as cartas, distribuindo-as. Whit pegou as suas.

— Acho que vocês vieram pra trabalhar mesmo — disse ele.

— Que que quer dizer isso? — perguntou George.

Whit riu.

— Bom, vocês chegaram numa sexta-feira. Têm dois dias de trabalho até o domingo.

— Não tou entendendo — disse George.

Whit riu novamente.

— Ia entender se trabalhasse algum tempo nessas fazen das grandes. O sujeito que quer dar uma olhada no lugar chega sábado de tarde. Ele consegue o jantar e três refeições no domingo e pode dar o fora na segunda de manhã, sem levantar um dedo. Mas vocês chegaram pra trabalhar na sexta-feira ao meio-dia. Têm pela frente um dia e meio de trabalho, seja lá como for.

George olhou-o com frieza.

— Vamos ficar aqui por algum tempo — disse. — Eu e Lennie queremos juntar uns cobres.

A porta abriu-se silenciosamente e o peão do estábulo pôs a cabeça para dentro. Uma negra cabeça descarnada, vincada pela dor, de olhos pacientes.

— Seu Slim!

Slim afastou os olhos do velho Candy.

—Hã? Ah! Olá, Crooks. Qual é o problema?

—O senhor me disse pra esquentar o alcatrão pro casco da mula. Ele já tá quente.

—Ah! Tá bem, Crooks, já vou indo.

—Eu posso passar o alcatrão, se o senhor quiser.

—Não. Eu mesmo faço. — Slim se levantou.

—Seu Slim — disse Crooks.

—O que é?

—Aquele cara grandão novo tá fazendo uma bagunça com os cachorrinhos lá no celeiro.

—Ele não vai fazer mal nenhum. Eu dei pra ele um dos filhotes.

—Só achei que era melhor contar pra você — disse Crooks. — Ele tá tirando os cachorrinhos de junto da ninhada e pegando neles. Isso não vai fazer bem prós filhotes.

—Ele não vai fazer mal pra eles — disse Slim. — Eu vou com você.

George ergueu os olhos.

— Se aquele patife maluco estiver fazendo muita bagunça, Slim, bota ele pra fora.

O arrieiro e o peão do estábulo deixaram a casa. George deu as cartas. Whit pegou-as e examinou-as.

—Já viu a garota nova?

—Que garota? — perguntou George.

—Ora, a nova mulher do Curley.

—Já, já vi.

—Não é uma uva?

— Não reparei muito bem — disse George.

Whit abaixou as cartas num gesto decidido.

—Bom, fica por aí e de olhos abertos. Vai ver muita coisa. Porque ela não esconde nada. Nunca vi ninguém como ela. Tá sempre olhando pra todo mundo. Aposto que se engraça até com o crioulo do estábulo. Não sei que que ela tá querendo.

—Tem tido algum problema desde que ela chegou aqui? — perguntou George casualmente.

Era óbvio que Whit não estava interessado nas próprias cartas. Largou-as na mesa e George juntou-as, arrumando lentamente um jogo de paciência. Sete cartas, seis acima delas e cinco acima das seis.

— Entendo o que quer dizer — disse Whit. — Não, ainda não teve nada. Curley tá com o diabo no corpo, mas por enquanto é só isso. Sempre que os rapazes tão por aí ela aparece. Uma hora tá procurando por Curley, outra hora acha que tinha deixado alguma coisa por aí. Parece que não pode ficar longe de homem. Curley anda furioso, mas ainda não aconteceu nada.

—Ela vai fazer uma confusão tremenda — disse George. — Uma confusão medonha. É uma dinamite pronta pra explodir. Esse Curley se meteu numa boa. Uma fazenda com um bando de sujeitos não é lugar pra uma mulher, ainda mais como ela.

—Já que pensa assim, você devia ir com a gente pra cidade amanhã de noite — disse Whit.

—Por quê? Que que vai ter lá?

—A mesma coisa de sempre. Vamos no bordel da velha Susy. Um lugar simpático pra burro. A velha Susy é uma bola... sempre fazendo piadas. Como faz todo sábado, quando a gente chega lá. Ela abre a porta e grita por cima do ombro: "Botem a roupa, garotas, o xerife chegou!" Nunca diz palavrão. Tem cinco mulheres lá.

—Quanto se paga? — perguntou George.

—Dois e meio. A gente pode tomar um trago por dois *cents*. A velha tem boas cadeiras pra gente sentar, também. E se o cara não quiser fazer nada, pode ficar sentado, tomar dois ou três tragos e passar o dia inteiro lá. A Susy nem liga. Ela não fica apressando e botando pra fora se a gente não quer fazer nada.

—Acho que vou lá dar uma olhada — disse George.

—Vai sim. É divertido à beca... Ela diz piadas o tempo todo. Sabe o que disse da última vez? "Já conheci gente que pensa que montou casa só porque botou um tapete no chão e um abajur de seda em cima do gramofone!" Ela sempre fala assim do puteiro da Clara. "Eu sei o que que os rapazes querem", diz. "Minhas garotas são limpas e não boto água no uísque. Se algum de vocês quiser dar uma olhada num abajur de seda e correr o risco de ser queimado, sabe onde ir." E ainda diz mais: "Conheço alguns rapazes que andam por aí de pernas bambas porque gostam de andar olhando um abajur de seda... "

—Clara é a dona do outro bordel, não é? — perguntou George.

—É — disse Whit. — Mas a gente não vai lá. Clara cobra três dólares por cabeça e trinta e cinco *cents* por copo. Além disso, não é brincalhona. Mas o puteiro da Susy é limpo e tem boas cadeiras. Ela não permite bagunça, também.

—Eu e Lennie estamos juntando uma gaita — disse George. — Eu podia ir lá e tomar um gole, mas não vou jogar dois e meio pela janela.

—Bem, um cara tem que se divertir de vez em quando — disse Whit.

A porta se abriu e Lennie e Carlson entraram juntos. Lennie se arrastou até o catre e sentou-se, tentando não atrair a atenção. Carlson estendeu a mão sob a cama e puxou sua mala. Não olhou o velho Candy, ainda deitado imóvel e virado para a parede. Carlson pegou uma vareta e uma lata de óleo da mala, colocou-as sobre a cama; então tirou a pistola do bolso, puxou seu tambor e extraiu de um golpe o cartucho detonado. Depois começou a limpar o cano da arma com a vareta. Quando se ouviu o estalido do ejetor, Candy virou-se e olhou um momento para a pistola antes de se voltar de novo para a parede.

— Curley esteve aqui? — perguntou Carlson, com displicência.

— Não — disse Whit. — Que bicho tá mordendo ele?

Carlson apertou o olho e colocou-o junto ao cano da arma.

— Tá procurando a patroa. Vi ele perambulando por aí.

— Ele passa a metade do tempo procurando ela, e ela passa a outra metade procurando ele — disse Whit, sarcástico.

Curley irrompeu precipitadamente no alojamento.

—Algum de vocês viu minha mulher? — perguntou.

—Aqui ela não apareceu — disse Whit. Curley olhou ameaçadoramente o aposento.

—Onde está o raio do Slim?

—Foi até o estábulo — disse George. — Ia botar um pouco de alcatrão num casco partido.

Os ombros de Curley caíram um pouco, mas logo se aprumaram.

—Há quanto tempo ele foi?

—Cinco... dez minutos.

Curley arremessou-se porta afora e bateu-a atrás de si. Whit se levantou.

— Acho que vou gostar de ver isso — disse. — Curley tá louco por uma briga, senão não ia atrás do Slim. E Curley é bom, é danado de bom mesmo. Chegou à final do campeonato nacional. Ele tem recortes de jornal que falam nisso. — Pensou um pouco. — Mesmo assim, era melhor que ele deixasse o Slim em paz. Ninguém sabe o que Slim é capaz de fazer.

—Ele acha que Slim tá com a mulher dele, não é? — disse George.

—Parece. Mas é claro que não tá. Pelo menos é o que acho. Mas vou gostar de ver a confusão, se houver alguma. Vamos até lá.

—Vou ficar aqui mesmo — disse George. — Não quero me meter em coisa alguma. Lennie e eu queremos juntar uma gaita.

Carlson terminou de limpar a arma e colocou-a na mala, empurrando-a para

baixo da cama.

— Acho que vou dar uma saída e olhar por aí — disse.

O velho Candy continuava imóvel e, de seu catre, Lennie observava George cautelosamente.

Depois que Whit e Carlson saíram e a porta se fechou atrás deles, George se virou para o amigo.

—Que que você tem? — disse George.

—Não fiz nada, George. Slim disse que é melhor não fazer tanta festa nos cachorros por enquanto. Disse que não é bom pra eles; por isso eu vim pra cá. Eu tenho me comportado bem, George.

—Era isso que eu ia te dizer.

—Bom, eu não estava machucando nenhum. Só botei o meu no colo pra fazer festa.

—Viu o Slim no celeiro? — perguntou George.

—Vi, sim. Ele me disse que era melhor não alisar mais o filhote.

—Viu a moça?

—A mulher do Curley?

—É. Ela tava no celeiro?

—Não. Não vi ela de jeito nenhum.

—Nunca viu o Slim conversando com ela?

—Não, não. Ela não tava no celeiro.

—Tá bem — disse George. — Acho que os rapazes não vão ver briga nenhuma. Se acontecer qualquer briga, Lennie, fica fora dela.

— Eu não quero briga nenhuma — disse Lennie. Levantou-se do catre e sentou-se à mesa, diante de George. Quase automaticamente, George embaralhou as cartas e arrumou uma paciência. Agia com lentidão deliberada, pensativa.

Lennie estendeu a mão para uma das cartas e estudou-a; depois virou-a de cabeça para baixo e continuou a estudá-la.

—As duas pontas são iguais — disse. — Por que as duas pontas são iguais?

—Sei lá — disse George. — É assim que fabricam elas. O que o Slim tava fazendo no celeiro?

—Slim?

—É. Você viu ele no celeiro e ele te disse pra não fazer mais tanta festa no filhote.

—Ah, é. Tava com uma lata de alcatrão e um pincel. Não sei pra quê.

—Tem certeza que aquela pequena não entrou no celeiro? Do jeito que ela entrou aqui hoje?

— Não. Não entrou, não.

George suspirou.

— Eu prefiro é um bom puteiro. O sujeito pode ir até lá, tomar um porre e expulsar do corpo tudo o que precisa sem qualquer confusão. E sabe quanto vai ter que pagar. Agora, mulheres como essa são uma chave de cadeia, prontas pra acabar com o cara de vez.

Lennie seguia suas palavras admirado, acompanhando-as com leve movimento dos lábios.

—Lembra do Andy Cushman, Lennie? — continuou George. — Aquele que tava na escola?

—Aquele que a mãe costumava fazer pastel pras crianças?

—Esse mesmo. Você sempre lembra quando tem alguma coisa de comer no meio. — George olhou cuidadosamente o jogo de paciência. Pôs um ás separado das outras cartas e colocou sobre ele um dois, um três e um quatro. — Andy tá na prisão de San Quentin agora, por causa de uma vagabunda.

Lennie tamborilou na mesa com os dedos.

—George?

—Hem?

—Quanto tempo ainda vai levar pra gente ir pra aquele lugarzinho e viver no bem-bom... e com os coelhos?

— Sei lá — disse George. — A gente tem que juntar uma boa gaita. Sei de um lugarzinho que a gente podia conseguir barato, mas de qualquer maneira não tão dando de graça.

O velho Candy se virou devagar, os olhos muito abertos. Observou George cuidadosamente.

—Conta sobre o lugar, George — disse Lennie.

—Bom, são três hectares — disse George. — Tem um moinhozinho, um galpão pequeno e um galinheiro. Tem cozinha, pomar, cerejas, maçãs, pêssegos, damascos, nozes e alguns morangos. Há um lugar pra alfafa e muita água pra irrigar ela. E tem também um chiqueiro...

—E coelhos, George.

—Não tem lugar pra coelhos agora, mas eu posso construir uma coelheira e você vai alimentar eles com alfafa.

— Claro que eu vou — disse Lennie. — Vou mesmo.

As mãos de George pararam de mover as cartas. Sua voz tornou-se mais cálida.

— E a gente podia ter uns porcos. Eu podia fazer um fumeiro como o do meu avô, e quando a gente matasse um porco podia defumar o toucinho e o presunto, fazer lingüiças e tudo mais. E quando os salmões subissem o rio, a gente podia pegar uns cem e defumar eles. E guardar pro café da manhã. Não tem nada tão gostoso como salmão defumado. Quando as frutas tivessem maduras a gente comia elas... e tomates também, é fácil fazer conservas com eles. Todos os domingos a gente podia matar uma galinha ou um coelho. Quem sabe a gente podia ter até uma vaca ou uma cabra, pra dar uma nata tão gorda que só cortando com faca ou tirando com uma colher.

Lennie contemplava-o com os olhos totalmente abertos. O velho Candy também observava George.

—Podíamos viver no bem-bom — murmurou Lennie.

—Claro — disse George. — Tudo quanto é tipo de legumes na horta. E se a gente quisesse um pouco de uísque, podia vender alguns ovos ou qualquer outra

coisa, ou leite. E viveria só lá. A gente ia pertencer ao lugar. Não ia ficar mais batendo pernas pelo país, sendo alimentado por um cozinheiro japa. Nada disso. A gente ia ter nosso próprio lugar e não ia dormir em alojamento nenhum.

—Conta sobre a casa, George — pediu Lennie.

—Tá. A gente ia ter uma casinha, com um quarto pra nós. E um bom fogão de ferro. No inverno a gente ia deixar o fogo aceso o tempo todo. Como a terra não é muito grande, a gente ia ter que trabalhar bastante. Talvez seis, sete horas por dia. Mas nada de carregar sacos de cevada onze horas por dia. E quando chegasse a colheita, puxa, a gente tava lá pra colher. E ia saber o que produzia plantando.

—E coelhos — disse Lennie ansiosamente. — E eu ia cuidar deles. Diz como eu ia fazer isso, George.

—Tá. Você ia até a plantação de alfafa com um saco, enchia ele, trazia de volta e botava um pouco de alfafa na coelheira.

—E eles iam comer e comer — disse Lennie — como eles fazem. Eu já vi.

—De seis em seis semanas mais ou menos — continuou George —, as coelhas dão cria e aí a gente ia ter um monte de coelhos pra comer e vender. E também ia criar alguns pombos pra voarem em volta do moinho, como eles faziam quando eu era menino. — Olhou absorto para a parede, por sobre a cabeça de Lennie. — E tudo isso vai ser nosso e ninguém vai poder nos botar pra fora. Se a gente não gostar de um cara, é só dizer: "Dá o fora daqui", e o cara vai ter que dar no pé. E se um amigo aparecer, ora, vamos ter uma cama extra e dizer pra ele: "Por que não passa a noite aqui?" E ele vai passar, é claro. A gente vai ter um cachorro perdigueiro e um par de gatos malhados, mas você vai ter que ter cuidado prós gatos não pegarem os coelhinhos.

Lennie arquejou.

— Deixe só eles tentarem pegar os coelhos. Eu quebro o raio do pescoço deles. Eu... amasso eles com um pau.

Acalmou-se, resmungando para si mesmo, ameaçando os futuros gatos que ousassem perturbar os futuros coelhos.

George permaneceu imóvel, em êxtase com o próprio quadro que acabara de pintar.

Quando Candy falou, George e Lennie deram um pulo, como se estivessem fazendo algo repreensível.

—Sabe onde tem um lugar assim? George ficou imediatamente em guarda.

—E se eu soubesse? Que que você tem com isso?

—Não precisa me dizer onde é. Pode ser qualquer lugar.

—Certo — disse George. — É isso mesmo. Você não podia encontrar ele nem em cem anos.

—Quanto os donos querem por um lugar assim? — continuou Candy, animado.

George encarou-o com suspeição.

—Bem, eu podia conseguir ele por seiscentos pacotes. Os velhos que são donos dele tão completamente quebrados, e a velha precisa fazer uma operação. Mas me

diz aqui... O que que você tem com isso? Você não tem nada a ver com a gente.

—Eu não sirvo pra muita coisa com uma mão só — disse Candy. — Perdi a mão direita aqui mesmo na fazenda. Por isso me deram esse serviço de varrer. E me deram duzentos e cinqüenta dólares porque eu perdi minha mão. E tenho mais cinqüenta que poupei lá no banco. Isso faz trezentos. E tenho mais cinqüenta no fim do mês. Vou lhe dizer... — Inclinou-se ansioso para a frente. — E se eu fosse com vocês? São trezentos e cinqüenta pacotes que eu botava no bolo. Não sirvo pra muita coisa, mas podia cozinhar, cuidar das galinhas e tomar conta da horta. Que tal?

George semicerrou os olhos.

—Tenho que pensar. A gente sempre imaginou esse negócio sozinhos.

—Faço um testamento e deixo minha parte pra vocês se eu bater as botas, já que eu não tenho parentes nem nada. Vocês têm algum dinheiro? Quem sabe a gente podia fazer o negócio logo.

George cuspiu no chão com desagrado.

— Nós dois juntos temos dez pacotes. — Depois disse, refletidamente: — Olha, se eu e Lennie trabalharmos um mês sem gastar nada, vamos ganhar cem pacotes. A gente ia ter quatrocentos e cinqüenta ao todo. Aposto que com isso a gente pode segurar ela. Aí você e Lennie começam a trabalhar lá e eu consigo um emprego pra pagar o resto. E vocês podem vender ovos e coisas assim.

Os três ficaram em silêncio, entreolhando-se surpresos. O sonho em que nunca haviam acreditado realmente estava se tornando realidade. Foi com reverência que George disse:

— Puxa! Aposto que a gente podia segurar o sítio. — Seus olhos estavam cheios de assombro. — Aposto que a gente podia — murmurou.

Candy sentou-se na beirada do catre e cocou nervosamente seu coto de punho.

— Faz quatro anos que perdi a mão — disse. — Não demora muito e eles me botam pra fora. Logo que eu não conseguir mais varrer os alojamentos, vão me botar na rua. Quem sabe se eu dando a vocês o meu dinheiro, vocês me deixam cuidar da horta, mesmo quando eu não servir mais pra isso? Eu lavo os pratos, cuido das galinhas, coisas assim. Mas vou estar na nossa casa, trabalhando na nossa propriedade. — Acrescentou lastimosamente: — Viram o que fizeram com o meu cachorro essa noite? Disseram que já não servia pra ele mesmo nem pra ninguém. Quando me expulsarem daqui eu bem queria que alguém me desse um tiro. Mas ninguém vai fazer isso. Eu não vou ter lugar nenhum pra ir nem vou conseguir nenhum emprego. Vou ter mais trinta dólares quando vocês tiverem prontos pra partir.

George se levantou.

—Vamos comprar o lugar — disse. — Vamos consertar aquele velho lugarzinho e a gente vai viver lá. — Sentou-se de novo. Todos se sentaram, imóveis e enfeitiçados com a beleza do plano, cada mente projetando-se no futuro em que a adorável realidade fosse concretizada.

—Já imaginaram se chegar um circo na cidade, ou tiver uma festa ou um jogo de bola, ou qualquer outra coisa? — disse George, divagando.

O velho Candy balançou afirmativamente a cabeça.

—Não temos que perguntar a ninguém se a gente pode ir ou não — disse George. — É só resolver ir e lá vamos nós. Ordenhamos a vaca, damos milho às galinhas e partimos pra cidade.

—E damos comida prós coelhos — interrompeu Len-nie. — Nunca que eu vou esquecer de dar comida pra eles. Quando é que a gente vai fazer isso, George?

—Em um mês. Em um mês, nem mais nem menos. Sabem o que que eu vou fazer? Vou escrever prós velhos donos do lugar e dizer que a gente vai comprar ele. E Candy vai mandar cem dólares de sinal.

—Vou sim — disse Candy. — Tem um bom fogão na casa?

—Claro. Um ótimo fogão pra carvão ou lenha.

—Vou levar o meu cachorro — disse Lennie. — Aposto que ele vai gostar de lá, aposto mesmo.

Vozes se aproximavam, vindas do lado de fora.

— Não falem disso pra ninguém — disse George rapidamente. — Só nós três vamos saber. Nós três e ninguém mais. Eles são capazes de pôr a gente pra fora só pra não juntarmos o dinheiro. Vamos continuar como se a gente fosse carregar sacos de cevada o resto da vida. Então um dia, de repente, pegamos o dinheiro e damos o fora.

Lennie e Candy assentiram com a cabeça, rindo deliciados.

—Não conta pra ninguém — disse Lennie para si mesmo.

—George — disse Candy.

—Hã?

—Eu devia ter matado o meu cachorro eu mesmo. Não devia deixar outra pessoa fazer isso.

A porta se abriu. Slim entrou, seguido de Curley, Carl-son e Whit. As mãos de Slim estavam negras de alcatrão, e seu rosto se mostrava fechado. Curley seguia-o muito de perto.

—Bom, eu não perguntei aquilo por mal — disse Curley.

—Mas tá me perguntando vezes demais. Já tou ficando cheio disso. Se não consegue cuidar dessa maldita mulher, que que você quer que eu faça? Me deixa em paz.

—Só tou lhe dizendo que não fiz por mal — disse Curley. — Só pensei que você podia ter visto ela.

—Por que não diz pra ela ficar no raio da casa, que é onde ela devia estar? — disse Carlson. — Você deixa ela bater pernas pelos alojamentos! Assim você vai ter problemas e depois não vai poder fazer nada.

—Fica fora disso, a não ser que você queira ir lá pra fora — disse Curley, encarando Carlson.

Este riu.

— Você é um covarde — disse. — Quis assustar o Slim e não conseguiu nada. Ele é que te assustou. Você é covarde feito uma galinha. Pouco me importa se você é o melhor peso-leve da região. Te mete comigo e arranco essa cabeça a pontapés.

Candy juntou-se ao ataque com alegria.

— Luva cheia de vaselina — disse, com ar de nojo. Curley olhou-o com raiva, mas seus olhos passaram pelo velho e brilharam ao se deterem em Lennie. Este ainda sorria, deliciado ante a idéia do lugar que ele e os amigos comprariam.

Curley se aproximou dele como um cão de caça.

—Você tá rindo de quê? Lennie lançou-lhe um olhar vazio.

—Hã?

A raiva de Curley explodiu.

— Vamos, seu ordinário de uma figa! Levanta. Nenhum filho da puta vai rir de mim! Vou te mostrar quem é covarde.

Lennie olhou para George, indefeso. Então levantou-se e tentou recuar. Curley já oscilava na ponta dos pés, numa atitude de boxeador. Golpeou Lennie com a esquerda e depois desferiu-lhe um soco no nariz com a direita. Lennie deu um grito de terror. O sangue jorrou-lhe do nariz.

— George! — gritou. — Diz pra ele me deixar em paz, George!

Foi recuando até que Curley o acuou contra a parede, golpeando-o no rosto. Atemorizado demais para defender-se, Lennie mantinha as mãos imobilizadas ao longo do corpo.

George ergueu-se, gritando:

— Bate nele, Lennie! Não deixa ele fazer isso!

Lennie cobriu o rosto com as manoplas e gritou, aterro
rizado:

— Faz ele parar, George!

Então, Curley deu-lhe um soco no estômago, cortando-lhe a respiração.

Slim ergueu-se de um salto.

— Esse rato nojento! — exclamou. — Deixa que eu pego ele!

George estendeu as mãos e agarrou Slim.

— Espera um minuto. — Pôs as mãos em concha em torno da boca e berrou:

— Bate nele, Lennie!

Lennie tirou as mãos do rosto e olhou para George. Curley socou-lhe os olhos. O rosto grande de Lennie estava coberto de sangue.

George gritou de novo:

— Eu disse pra bater nele, Lennie!

O punho de Curley girava no ar quando Lennie estendeu a mão para pegá-lo. No minuto seguinte, Curley saltava e coleava no ar como um peixe no anzol, o punho fechado perdido na grande mão de Lennie. George correu para perto deles.

— Larga ele, Lennie! Larga!

Mas Lennie olhava aterrorizado o homenzinho contor-cendo-se que segurava. O sangue lhe escorria do rosto grande, um de seus olhos estava cortado, fechado. George esbo-feteou-o várias vezes sem que Lennie soltasse o punho fechado de Curley. Este estava branco e encolhido agora, lutando fracamente para livrar-se. Continuava de pé, chorando, o punho perdido na manopla fechada.

— Larga a mão dele, Lennie! Larga! — gritou George inúmeras vezes. — Slim, vem me ajudar enquanto esse cara ainda tem mão.

Subitamente, Lennie soltou o punho de Curley. Encolheu-se acovardado contra a parede.

— Você me disse pra fazer isso, George — disse, infeliz.

Curley sentou-se no chão, olhando assombrado para a mão esmagada. Slim e Carlson curvaram-se sobre ele. O ar-rieiro empertigou-se e olhou Lennie com horror.

—Vamos ter que levar ele no médico. Acho que todos os ossos da mão foram quebrados.

—Eu não queria... — chorou Lennie. — Eu não queria machucar ele.

—Carlson, prepara a charrete das provisões. Vamos levar ele até Soledad e dar um jeito nisso. — Carlson disparou porta afora. Slim voltou-se para Lennie, que choramingava: — Não foi culpa sua — disse. — Esse porcaria tava procurando isso. Minha nossa! Ele quase ficou sem mão!

Slim saiu correndo e voltou no momento seguinte com uma caneca de metal cheia de água. Levou-a aos lábios de Curley.

— Slim, será que a gente vai ser posto pra fora? — perguntou George. — Precisamos de dinheiro. Será que o velho do Curley vai nos botar pra fora?

Slim sorriu obliquamente. Então ajoelhou-se ao lado de Curley.

—Tá podendo conversar? — perguntou. O outro balançou a cabeça afirmativamente. — Então escuta. Eu acho que você prendeu a mão numa máquina. Se não falar pra ninguém o que aconteceu, nós também não falamos. Mas se tentar botar esses caras na rua, então vamos contar pra todo mundo e todos vão rir de você.

—Não vou contar pra ninguém — disse Curley, evitando olhar para Lennie.

O som das rodas da charrete chegou até eles. Slim ajudou Curley a se pôr de pé.

— Vamos. Carlson vai te levar num médico.

Ajudou Curley a chegar até o veículo. O som das rodas
morreu na distância. Slim voltou imediatamente à casa dos peões e encarou Lennie, ainda amedrontado e encolhido junto à parede.

— Deixa eu ver suas mãos — disse Slim.

Lennie esticou-as.

— Santo Deus, não quero que se zangue comigo nunca! — disse Slim.

George interrompeu-o:

— Lennie só tava com medo — explicou. — Não sabia o que fazer. Eu te disse hoje que ninguém devia brigar com ele. Não, acho que eu disse isso foi pro Candy.

Candy concordou solenemente.

— Foi isso mesmo — disse. — Hoje mesmo de manhã, quando Curley quis engrossar pela primeira vez com o seu amigo, você me disse: "É melhor ele não brincar com o Lennie, senão vai se dar mal". Foi isso mesmo que você me disse.

George virou-se para Lennie.

— A culpa não foi sua. Não precisa mais ficar com medo. Você só fez o que eu mandei. É melhor ir no banheiro e lavar o rosto. Você tá com uma cara horrível.

Lennie sorriu com a boca machucada.

—Eu não queria nenhuma confusão — disse. Caminhou para a porta, mas antes

de sair virou-se para o amigo. — George?

—O que é?

—Eu ainda vou poder cuidar dos coelhos, George?

—Claro. Você não fez nada de errado.

—Eu não queria machucar ninguém, George.

—Tá bem. Vai no banheiro e lava o rosto.

4

O catre de Crooks, o peão negro, ficava no quarto dos arreios; um pequeno depósito junto à parede do celeiro. Num dos lados do aposento via-se uma janela quadrada composta de quatro vidros e, no outro, uma estreita porta de tábuas conduzia ao celeiro. A tarimba de Crooks era um caixote comprido e cheio de palha, sobre o qual se estendiam seus cobertores. De alguns pregos de madeira na parede junto à janela pendiam arreios quebrados, precisando de conserto. De outros, tiras de couro novo. Numa bancada sob a janela dispunham-se ferramentas para o trabalho no couro, facas curvas, agulhas, novelos de fio de linho e um pequeno rebi-tador. Pendurados nos pregos havia também pedaços de arreios, uma coleira rasgada que mostrava o enchimento de crina, uma peiteira partida e um conjunto de tirantes com o forro de couro também dilacerado. Crooks também tinha a caixa de maçãs pregada acima do catre; havia nela uma fileira de remédios, tanto para ele quanto para os cavalos. Na prateleira viam-se também latas de graxa para arreios e uma lata suja de alcatrão com o pincel destacando-se junto à borda. Pelo chão espalhavam-se inúmeros objetos pessoais. Por morar sozinho, Crooks podia deixar suas coisas desarrumadas; sendo peão do estábulo e aleijado, tinha um lugar mais permanente que os outros na fazenda. Assim, acumulara mais objetos do que lhe seria possível carregar nas costas.

Possuía vários pares de sapatos, um par de botas de borracha, um grande relógio despertador e uma espingarda de cano simples. E livros também: um surrado dicionário e um maltratado código civil da Califórnia do ano de 1905, além de revistas velhas e alguns livros sujos numa prateleira especial sobre o catre. Também sobre este, pendurado num prego na parede, via-se um par de grandes óculos com aro de ouro.

O quarto estava varrido e bastante limpo, pois Crooks era um homem altivo e orgulhoso. Mantinha distância dos outros e exigia o mesmo para si. Tinha o corpo curvado para a esquerda, devido a espinha aleijada, e os olhos tão profundamente encravados nas órbitas que davam a impressão de brilhar com intensidade. Seu rosto magro, cortado por profundas rugas escuras, tinha lábios finos e tensos pelo sofrimento, mais pálidos que o rosto.

Era noite de sábado. Pela porta aberta que levava ao celeiro vinha o som de cavalos se movendo, patas se arrastando, dentes mastigando o feno, além do tilintar das correntes dos cabrestos. Um pequeno globo de luz elétrica iluminava mortiçamente o quarto do peão.

Sentado no catre, Crooks tinha as fraldas da camisa para fora das calças, nas costas. Com uma das mãos segurava um vidro de linimento e com a outra esfregava a espinha. De vez em quando colocava mais algumas gotas do remédio na palma cor-de-rosa e deslizava a mão sob a camisa para esfregar a espinha de novo. Então flexionava os músculos das costas e estremecia.

Sem ruído, Lennie surgiu pela porta aberta e ficou ali, parado na soleira, olhando para dentro, os grandes ombros preenchendo quase totalmente a abertura.

Por um momento, Crooks não o viu; depois, erguendo os olhos, enrijeceu o corpo e fechou a cara para o rapaz. Sua mão saiu de dentro da camisa.

Lennie sorriu indefeso, numa tentativa de cordialidade.

— Você não tem nenhum direito de entrar aqui no meu quarto — disse Crooks asperamente. — Esse quarto é meu. Ninguém tem nenhum direito sobre ele, só eu.

Lennie engoliu em seco e seu sorriso tornou-se mais amigável.

— Não tou fazendo nada — disse. — Só vim olhar o meu cachorro. Aí, eu vi a sua luz — explicou.

—Bom, eu tenho direito de ter uma lâmpada. Pode dar o fora do meu quarto. Ninguém me quer lá no alojamento e eu também não quero ninguém aqui.

—Por que não te querem lá? — perguntou Lennie.

—Porque sou preto. Eles jogam cartas lá, mas eu não posso jogar porque sou preto. Eles ficam dizendo que cheiro mal. Pois vou te dizer, pra mim vocês todos fedem.

Lennie agitou as mãos, desamparado.

—Todo mundo foi pra cidade — disse. — Slim e George e todo o resto. George disse pra eu ficar aqui e não me meter em confusão. Aí eu vi sua luz.

—Bom. Que que você quer?

—Nada... só vi a sua luz. Pensei que eu podia entrar um pouco e me sentar.

Crooks olhou Lennie fixamente. Depois, estendeu a mão para trás, pegou os óculos e, ajustando-os nas orelhas rosadas, tornou a olhar fixamente o outro.

—De qualquer modo, não sei o que que você tá fazendo no celeiro — lamentou-se. — Você não é arrieiro. Não há nenhum motivo pra um carregador de sacos entrar no celeiro. Você não é arrieiro, não tem nada que ver com os cavalos.

—O cachorrinho — repetiu Lennie. — Vim ver o meu cachorro.

—Bom, então vai ver o seu cachorro. Não entra num lugar onde não te querem.

O sorriso desapareceu do rosto de Lennie. Avançou um passo para dentro do quarto, mas depois se lembrou do que fora dito e recuou novamente para a porta.

—Eu olhei eles um pouco. Slim disse que eu não devo fazer muita festa neles.

—Ora, você fica tirando eles da palha o tempo todo. Não sei por que a cadela não bota eles em outro lugar.

—Ah, ela não se importa. Ela deixa eu ficar com eles. — Lennie tornara a entrar no quarto.

Crooks fechou a cara, mas o sorriso desarmante de Lennie o derrotou.

— Entra e senta um pouco — disse Crooks. — Já que não vai embora e me deixa em paz, entra e senta. — Seu tom era um pouco mais amigável. — Todos os rapazes foram pra cidade, hem?

— Todos menos o velho Candy. Ele fica lá sentado no alojamento, fazendo ponta no lápis, fazendo contas.

Crooks endireitou os óculos.

—Contas? Que contas? Lennie quase gritou:

—Dos coelhos.

—Você é maluco — disse Crooks. — Doido varrido. De que coelho tá falando?

—Os coelhos que a gente vai ter. Eu vou cuidar deles e dar alfafa e água pra eles, coisas assim.

—E doido — disse Crooks. — Esse seu companheiro faz bem em querer te esconder.

—Não é mentira — disse Lennie serenamente. — A gente vai ter essas coisas. Comprar um lugarzinho e viver no bem-bom.

Crooks ajeitou-se mais confortavelmente no catre.

— Senta — convidou. — Senta ali no barril de pregos.

Lennie sentou-se encolhido no pequeno barril.

— Você acha que é mentira, mas não é. Tudo que eu disse é verdade, pode perguntar pro George.

Crooks pousou o queixo escuro na palma da mão rosada.

—Você viaja com o George, não é?

—É sim. Eu e ele vamos pra toda parte juntos.

—Às vezes ele fala e você não sabe do que que ele tá falando, não é? — continuou Crooks. Inclinou-se para a frente, cravando em Lennie os olhos profundos. — Não é assim?

—É... às vezes.

—Ele fala e fala e você nem sabe do que se trata, hem?

—É... às vezes. Mas nem sempre.

Crooks curvou-se para a frente, sobre a borda do catre.

— Não sou um preto do sul — disse. — Nasci aqui na Califórnia. Meu velho tinha uma criação de galinhas, uns três hectares. Os garotos brancos vinham brincar em nossa propriedade, às vezes eu brincava na deles e alguns eram bem simpáticos. Meu velho não gostava daquilo. Eu não soube, até muito mais tarde, porque ele não gostava. Mas agora sei.

—Hesitou e, quando tornou a falar, sua voz era mais suave.

—Não tinha outra família de pretos por ali. E agora não tem outro preto nessa fazenda, e só tem uma família em Soledad. — Riu. — Quando eu falo alguma coisa, ora, é só um crioulo falando.

— Quanto tempo leva prós filhotes ficarem bastante grandes pra gente poder fazer festa neles? — perguntou Lennie.

Crooks riu novamente.

— Um cara pode falar o que quiser com você e ter certeza de que você não vai bater com a língua nos dentes. Mais umas duas semanas e os cachorros já tão crescidos. George sabe o que faz. Fala, fala, e você não entende nada. — Inclinou-se para a frente, animado. — Quem tá falando é só um crioulo, um crioulo com as costas quebradas. Por isso não tem importância nenhuma, entende? Seja lá como for, você não vai se lembrar mesmo. Já vi isso muitas vezes... um cara falando com outro e não faz nenhuma diferença se o outro tá entendendo ou escutando. — Sua animação aumentara a ponto de ele golpear o joelho com a mão. — George pode lhe dizer qualquer besteira que não importa. É falar por falar. É só pela companhia.

Só isso. — Fez uma pausa.

Sua voz tornou-se suave e persuasiva.

— E se o George não voltar mais? Se ele botar o pé na estrada e não voltar mais? Que que você vai fazer?

A atenção de Lennie foi gradualmente atraída para o que estava sendo dito.

—O quê?

—Eu disse: imagina que o George foi pra cidade essa noite e você nunca mais vai ter notícias dele. — Crooks antegozou aquela espécie de vitória particular. — Imagina só — repetiu.

—Ele não vai fazer isso — exclamou Lennie. — George nunca ia fazer uma coisa assim. Tou com George há muito tempo. Ele volta essa noite... — A dúvida, contudo, foi insuportável para Lennie. — Acha que ele volta?

O rosto de Crooks iluminou-se de prazer ante a tortura do outro.

— Ninguém pode dizer o que um cara vai fazer — observou calmamente. — Faz de conta que ele quis voltar e não pôde. Faz de conta que foi assassinado ou ferido e não pôde voltar.

Lennie lutou para entender.

—George não vai fazer nada disso — repetiu. — George é cuidadoso. Nâo vai se ferir. Não vai se ferir nunca porque é cuidadoso.

—Bom, mas imagina só se ele não volta... que que você vai fazer?

O rosto de Lennie enrugou-se de apreensão.

— Não sei. Mas por que você tá fazendo isso? — gritou.

— Não é verdade. George não vai se ferir.

Crooks fitou-o com os olhos perfurantes.

— Quer que eu digo o que ia acontecer? Iam te levar pro hospício e amarrar uma coleira no seu pescoço, como um cachorro.

Subitamente, os olhos de Lennie imobilizaram-se, furiosos. Ele se levantou e andou perigosamente na direção de Crooks.

— Quem que machucou o George? — perguntou.

O negro viu o perigo que se aproximava. Recuou da borda do catre, saindo da frente.

— Eu só tava imaginando — disse. — George não tá ferido. Ele tá bem. Ele vai voltar logo.

Lennie agigantou-se diante dele.

— Por que que você tá imaginando? Ninguém vai imaginar que George tá ferido.

Crooks tirou os óculos e esfregou os olhos com os dedos.

— Senta — disse. — George não tá ferido.

Resmungando, Lennie voltou a sentar-se no barril de pregos.

—Ninguém vai ficar falando que George tá ferido.

—Acho que agora você entende — disse Crooks suavemente. — George é seu amigo. Você sabe que ele vai voltar. Mas imagina se você não tivesse ninguém. Imagina se não pudesse entrar no alojamento e jogar cartas porque é preto. Que

que acha disso? Imagina se tivesse que sentar aqui e ler livros. Livros não servem. Um sujeito precisa de companhia. O cara fica maluco se não tiver companhia — lamentou-se.

— Não tem importância quem é o outro, se ele te faz companhia. Vou te dizer — gritou —, às vezes o sujeito se sente sozinho demais. Fica até doente de tanto se sentir só.

—George vai voltar — Lennie se tranqüilizou, numa voz assustada. — Vai ver que ele até já voltou. Acho melhor eu ir dar uma olhada.

—Eu não tava querendo te assustar — disse Crooks. — Ele vai voltar. Eu tava falando sobre mim mesmo. O sujeito fica aqui sozinho, sentado, todas as noites, às vezes lendo livros, pensando, ou coisas assim. As vezes ele fica pensando e não tem ninguém pra dizer pra ele se isso é assim ou assado. Às vezes ele pode ver alguma coisa, mas não sabe se está certo ou não. Não pode se virar pra outro cara e perguntar se ele tá vendo a coisa também. Como que a gente pode saber, se não tem ninguém pra perguntar? Tenho visto coisas aqui. E não tava bêbado. Não sei é se tava dormindo. Se eu tivesse um cara perto de mim, ele podia dizer se eu tava dormindo e então tava tudo bem. Mas eu não sei.

Crooks olhava pela janela agora.

— George não vai embora e me deixar — disse Lennie tristemente. — Eu sei que ele não ia fazer isso.

O peão do estábulo continuou, num tom sonhador:

— Me lembro quando eu era garoto na granja do meu velho. Tinha dois irmãos. Tavam quase sempre perto de mim, quase sempre. A gente costumava dormir no mesmo quarto, na mesma cama... todos os três. Tinha um morangal. Uma plantação de alfafa. A gente costumava soltar as galinhas na plantação de alfafa nos dias de sol. Meus irmãos sentavam na cerca e ficavam lá olhando pra elas... eram galinhas brancas.

Aos poucos, o interesse de Lennie concentrou-se no que o outro dizia.

—George falou que a gente vai ter alfafa prós coelhos.

—Que coelhos?

—Vamos ter coelhos e morangos.

—Tá maluco.

—Vamos, sim. Pergunta pro George.

—Tá maluco. — Crooks falou com escárnio. — Tenho visto bandos de homens que chegam da estrada pra trabalhar nas fazendas com a trouxa nos ombros e o mesmo diabo de idéia na cabeça. Milhares. Chegam, vão embora e fazem a mesma coisa ali adiante. Cada um deles com a mesma idéia na cabeça, ter um pedaço de terra. E nunca nenhum desses desgraçados conseguiu coisa alguma. É como querer o céu. Todo mundo quer um pedaço de terra. Já li um monte de livros aqui. Ninguém consegue o céu nem um pedaço de terra. Tá só na cabeça deles. Tão todo o tempo falando nisso, mas tá só na cabeça deles.

Fez uma pausa e olhou pela porta aberta, pois os cavalos se moviam inquietamente, fazendo tilintar as correntes dos cabrestos. Um cavalo relinchou.

— Acho que tem alguém lá fora — disse Crooks. — Talvez seja o Slim. Ele às vezes entra duas, três vezes por noite. Slim é um arrieiro de primeira. Cuida bem dos animais.

Pôs-se dolorosamente de pé e caminhou até a porta.

—É você, Slim? — gritou. A voz de Candy respondeu:

—Slim foi pra cidade. Me diga, você viu o Lennie?

—Aquele cara grandalhão?

—É. Viu ele por aí?

— Tá aqui mesmo — disse Crooks, lacônico. Voltou para seu catre e deitou-se.

Candy permaneceu na soleira da porta, cocando o toco do punho e olhando às cegas para o quarto iluminado. Não fez nenhuma tentativa de entrar.

— Vou te dizer, Lennie. Tava pensando naqueles coelhos.

—Pode entrar, se quiser — disse Crooks, irritado. Candy parecia constrangido.

—Não sei. Mas se você quer que eu entre...

— Entra. Todo mundo tá entrando, você pode entrar também. — Era difícil para Crooks esconder o prazer sob o manto da raiva.

Candy entrou, mas ainda embaraçado.

—Você tem um lugarzinho confortável aqui — disse a Crooks. — Deve ser bom ter um quarto só pra você.

—Claro — disse Crooks. — E um monte de estéreo debaixo da janela. É muito bom mesmo.

— Você tava falando dos coelhos — interrompeu Lennie.

Candy se encostou à parede, junto da coleira rasgada, e cocou o coto do punho.

— Já tou aqui na fazenda faz um tempão — disse. — E Crooks tá aqui faz um tempão também. Mas essa é a primeira vez que eu entro nesse quarto.

— Os rapazes não gostam muito de entrar no quarto de um preto — disse Crooks, sombrio. — Ninguém vem aqui, só o Slim. Slim e o patrão.

Candy mudou de assunto rapidamente.

—Slim é o melhor arrieiro que eu já vi. Lennie se inclinou para o velho.

—Os coelhos — insistiu. Candy sorriu.

—Já pensei no caso. A gente pode ganhar dinheiro com os coelhos se fizer a coisa certa.

—Mas eu tenho que cuidar deles — interveio Lennie. — George disse que eu é que vou cuidar deles. Ele prometeu.

Crooks interrompeu-o brutalmente.

— Vocês tão só se enganando. Vão falar o tempo todo nisso, mas não vão conseguir terra nenhuma. Candy, você vai ser um varredor aqui até te levarem num caixão. Puxa, eu já vi muitos sujeitos assim. O Lennie vai dar o fora e cair na estrada em duas, três semanas. Parece que todo mundo tem um pedaço de terra na cabeça.

Candy esfregou o rosto, zangado.

—Você pode ter certeza, como dois mais dois dá quatro, que a gente vai comprar a terra. George já disse. A gente já tem o dinheiro.

—Ah é? — disse Crooks. — E onde tá o George agora? Na cidade, lá no puteiro. E pra lá que o dinheiro de vocês tá indo. Meu Deus, já vi isso acontecer muitas vezes. Já vi caras demais com terra na cabeça. Só que não conseguem nunca pôr a mão nela.

—Claro que todos querem isso — gritou Candy. — Todo mundo quer um pedacinho de terra, não muito. Alguma coisa que seja nossa. Um lugar onde a gente possa viver sem ser botado pra fora. Eu nunca tive nada assim. Já plantei pra quase todos os desgraçados deste estado, mas não eram safras minhas; e quando eu fazia a colheita, ela não era minha. Mas agora isso vai mudar, pode ter certeza. George não levou o dinheiro pra cidade. Ele tá no banco. Eu, Lennie e George. A gente vai ter um lugarzinho pra nós. E um cachorro e coelhos e galinhas. E também milho verde e quem sabe até uma vaca ou uma cabra. — Parou, dominado pelo quadro que pintava.

—Você diz que tem o dinheiro? — perguntou Crooks.

—Palavra. Temos quase todo ele. Só falta um pouquinho. Vamos ter ele todo num mês. E George já escolheu a terra também.

Crooks dobrou o braço para trás e explorou a espinha com a mão.

—Nunca vi um cara conseguir isso — disse. — Já vi caras ficarem quase malucos por causa de terra, mas a cada vez o bordel ou o baralho tirava tudo deles. — Hesitou. — Se vocês... quiserem alguém pra trabalhar por nada... só por casa e comida... eu podia dar uma mão. Sou aleijado, mas posso trabalhar como um filho da puta, se quiser.

—Algum de vocês viu Curley?

Rapidamente as cabeças se viraram para a porta. Parada ali, a mulher de Curley olhava para dentro. O rosto muito pintado, os lábios um pouco entreabertos. Ela ofegava como se tivesse corrido.

— Curley não teve aqui — disse Candy, áspero.

Ela continuou parada na soleira, sorrindo levemente para eles enquanto esfregava as unhas de uma mão com o pole-gar e o indicador da outra. Seus olhos iam de um homem a outro.

— Só ficaram os fracotes — disse afinal. — Acham que eu não sei pra onde foram? Até o Curley. Sei muito bem pra onde foram.

Lennie a contemplava, fascinado. Candy e Crooks, entretanto, fechavam a cara, evitando os olhos da mulher.

— Se sabe, por que que tá perguntando? — disse Candy.

Ela os encarou com ar divertido.

—Engraçado — disse. — Se dou de cara com um homem e ele tá sozinho, me entendo muito bem com ele. Mas quando se juntam dois, já não querem falar comigo. Ficam logo emburrados. — Pôs as mãos nos quadris. — Vocês têm é medo uns dos outros, isso sim. Cada um tem medo do que o outro possa fazer contra

ele.

—É melhor a senhora voltar logo pra casa — disse Crooks, depois de um momento de silêncio. — A gente não quer confusão.

—Ora, que confusão eu tou fazendo? Acha que não gosto de conversar com alguém de vez em quando? Acha que gosto de ficar enfiada naquela casa o tempo todo?

Candy descansou o coto do punho no joelho e esfregou-o suavemente com a mão.

— A senhora tem marido — disse, acusador. — Não de via estar por aí se metendo com outros sujeitos, causando problemas.

A moça se encolerizou.

— Claro que tenho marido! Todos vocês já viram. Sujeito formidável, não é? Passa o tempo todo dizendo o que que vai fazer com os caras que detesta. E ele detesta todo mundo. Acham que vou ficar naquela casinhola ouvindo o Curley dizer que faz e acontece? "Agora meto nele uma canhota, depois um direto e o cara desaba. É só usar o velho um-dois e o cara despenca no chão." — Fez uma pausa. O ar zangado desapareceu de seu rosto, transformando-se em interesse: — Me digam... o que que houve com a mão do Curley?

Houve um silêncio embaraçado. Candy deu uma olha-dela para Lennie. Depois tossiu.

— Ora... ele prendeu a mão numa máquina. Rebentou ela.

Ela o observou por um momento e depois riu.

—Besteira! Acham que conseguem me tapear? Curley foi buscar lã e saiu tosquiado. Prendeu a mão numa máquina! Que besteira! Bom, ele não tem usado o velho um-dois desde que arrebentou a mão. Quem fez isso?

—Ele prendeu a mão na máquina — repetiu Candy obstinadamente.

—Tá bem — disse ela com desprezo. — Tá bem, pode encobrir ele se quiser. Pouco me importo. Vocês acham que são formidáveis. Tão pensando que eu sou criança, é? Pois fiquem sabendo que eu podia estar no palco, fazendo *shows*. E um sujeito me disse que podia me pôr nos filmes... — Estava sem fôlego de indignação. — Noite de sábado. Todo mundo fora de casa, fazendo alguma coisa. Todo mundo! E eu aqui parada, conversando com um bando de peões ordinários... um crioulo, um doido e um velho piolhento. E até gostando, porque não sobrou mais ninguém.

Lennie a contemplava com a boca meio aberta. Crooks se refugiara na terrível dignidade protetora dos negros. No velho Candy, contudo, uma mudança se processou. Ergueu-se subitamente, atirando para trás o barril em que estava sentado.

— Já chega — disse, zangado. — Ninguém quer a senhora aqui. A gente disse pra não vir. E vou lhe dizer, a senhora tem idéias muito erradas sobre a gente. Não tem nenhum miolo nessa cabeça oca pra ver que não somos peões ordinários. Se botar a gente na rua, não pensa que vamos atrás de outro emprego porcaria como esse. A senhora não sabe, mas a gente já tem a nossa própria terra pra ir, a nossa própria

casa. Não tem que ficar aqui. A gente tem casa, galinhas, pés de fruta e um lugar milhares de vezes mais bonito que esse. E tem amigos também, sabia? Bom, já houve tempo que a gente tinha medo de ser botado pra fora, mas agora não temmais. Conseguimos o nosso pedaço de terra e é bem nosso. E podemos ir pra lá.

A mulher de Curley deu uma risada.

— Besteira — disse. — Já vi muitos sujeitos como vocês. Se tivessem um pouco de gaita tomavam logo um porre e ficavam a ver navios. Eu conheço vocês.

O rosto de Candy tornava-se cada vez mais vermelho. Antes de a mulher terminar de falar, porém, ele já se controlara. Agora dominava a situação.

— Eu devia saber... — disse suavemente. — Acho que é melhor a senhora ir cantar noutra freguesia. A gente não tem nada pra dizer pra senhora. A gente sabe o que conseguiu e não se importa se os outros sabem ou não. Acho que é melhor ir dando o fora, porque o Curley não vai gostar de ver a mulher dele aqui no celeiro junto com os "peões ordinários".

Ela olhou de um para o outro, os três semblantes fechados contra ela. Olhou mais longamente para Lennie, fazendo com que este baixasse os olhos, embaraçado.

— Onde foi que você machucou a cara desse jeito? — perguntou subitamente.

Lennie ergueu um olhar culpado.

—Quem. Eu?

—É, você.

Lennie olhou para Candy em busca de ajuda; depois voltou a olhar para o próprio colo.

— Ele prendeu a mão numa máquina — disse.

A mulher de Curley riu.

—Tá bem, Máquina. Falo contigo mais tarde. Eu gosto de máquinas.

—Deixa esse sujeito em paz — interrompeu Candy. — Não se mete com ele. Vou falar pro George o que que a senhora disse. Ele não vai gostar de saber que tá se metendo com Lennie.

—Quem é George? — perguntou ela. — O homenzinho que veio com você?

Lennie sorriu, feliz.

—É esse mesmo — disse. — E esse mesmo. E ele vai me deixar cuidar dos coelhos.

—Bom, se é isso que você quer, eu mesma posso te arranjar uns dois coelhos.

Crooks levantou-se do catre e encarou-a.

— Agora chega — disse friamente. — A senhora não tem direito nenhum de ir entrando aqui no quarto de um preto. Não tem direito de ficar zanzando por aqui, não tem mesmo. A senhora trata de sair. E trata de sair logo. Senão, vou pedir pro patrão não deixar mais a senhora entrar aqui no celeiro.

Ela se virou para ele com desprezo.

— Escuta aqui, crioulo. Sabe o que eu posso te fazer se você não fechar essa matraca?

Crooks olhou para ela, indefeso; depois sentou-se no catre e se encolheu.

Ela se aproximou dele.

— Sabe o que eu podia fazer?

Crooks pareceu ficar menor. Encolheu-se ainda mais junto à parede.

—Sim, senhora.

—Bom, então fica no seu lugar, crioulo. Eu podia mandar te enforcarem numa árvore, mas é tão fácil que nem tem graça.

Crooks reduzira-se a nada. Não havia mais nele personalidade ou ego, nada que despertasse gosto ou desgosto.

— Sim, senhora — disse, numa voz sem som.

Por um momento ela continuou de pé diante dele, como se esperasse que se movesse para poder fustigá-lo de novo. Mas Crooks permaneceu sentado e totalmente imóvel, os olhos desviados dela, escondendo dentro de si tudo o que poderia torná-lo vulnerável. A mulher virou-se afinal para os outros dois homens.

O velho Candy a observava, estarrecido.

—Se a senhora fizer isso, a gente vai contar — disse ele brandamente. — Vai contar que tá inventando calúnias contra o Crooks.

—Podem contar e vão pro inferno — gritou ela. — Ninguém ia acreditar em vocês e você sabe muito bem disso. Ninguém ia nem escutar.

Candy murchou.

—Não... Ninguém ia escutar.

—Eu queria que o George tivesse aqui — choramingou Lennie. — Queria que o George tivesse aqui.

Candy se aproximou dele.

— Não fica aflito, não — disse. — Acabei de ouvir os rapazes chegando. George deve estar lá no alojamento, aposto. — Voltou-se para a mulher de Curley. — É melhor ir pra casa — disse com suavidade. — Se a senhora for agora, a gente não diz ao Curley que teve aqui.

Ela o examinou friamente.

—Não sei se eles voltaram mesmo. Não ouvi nada.

—É melhor não se arriscar — disse ele. — Se a senhora não tem certeza, é melhor ir logo.

Ela se voltou para Lennie.

— Tou contente porque você arrebentou o Curley um pouquinho. Ele tava procurando. Eu mesma tenho vontade de arrebentar ele, às vezes.

Deslizou porta afora e desapareceu na escuridão. Enquanto passava pelo estábulo, as correntes dos cabrestos tilinta-ram. Ouviu-se o resfolegar de alguns cavalos e o som de patas contra o chão.

Crooks pareceu sair lentamente das camadas de proteção que erguera em torno de si.

—Você ouviu mesmo os rapazes chegarem? — perguntou.

—Ouvi, sim.

—Bom, eu não ouvi nada.

—O portão bateu ainda agorinha — disse Candy. — Puxa, a mulher do Curley sabe se mover sem fazer barulho. Acho que deve ter um bocado de prática.

Crooks agora evitava o assunto.

—É melhor vocês irem também — disse. — Não sei mais se quero vocês aqui. Um preto deve ter alguns direitos, mesmo que não goste deles.

—Aquela cadela não devia ter falado o que falou pra você — disse Candy.

—Não foi nada — disse Crooks sombriamente. — Vocês entrando aqui e sentando me fizeram esquecer. O que ela disse é verdade.

Os cavalos resfolegaram no estábulo novamente. As correntes tilintaram e uma voz chamou:

—Lennie! Ei, Lennie. Tá no celeiro?

—É George — gritou Lennie. E respondeu logo: — Aqui, George! Tou aqui!

Num segundo a silhueta do amigo ocupou a soleira da porta. Ele olhou pelo quarto desaprovadoramente.

— Que que tá fazendo no quarto do Crooks? Não de via estar aqui.

O negro concordou com a cabeça.

—Eu disse pra eles, mas quiseram entrar assim mesmo.

—Ora, por que que não botou eles pra fora?

—Eu não me importei — disse Crooks. — Lennie é um bom sujeito.

Candy se animou de repente.

— Ei, George! Andei pensando. Calculei que a gente pode até ganhar algum dinheiro com os coelhos.

George fechou a cara.

—Eu acho que te avisei pra não falar disso pra ninguém.

—Mas a gente não falou pra ninguém — disse Candy, desconcertado. — Só pro Crooks.

—Bom, tratem de dar o fora daqui — disse George. — Puxa vida, parece que eu não posso deixar vocês sozinhos um minuto.

Candy e Lennie puseram-se de pé e caminharam para a porta.

— Candy! — chamou Crooks.

—Hem?

—Lembra do que eu falei, que podia trabalhar e coisa e tal?

—Lembro — disse Candy.

—Pois pode esquecer — disse Crooks. — Eu não tava falando sério. Tava só brincando. Não ia querer ir pra um lugar como aquele.

— Tá bem. Se é isso que você quer... Boa noite.

Os três homens saíram porta afora. Quando passaram
pelo celeiro, os cavalos bufaram e fizeram tilintar as correntes dos cabrestos.

Crooks sentou-se no catre e olhou a porta por um momento. Depois pegou o vidro de remédio. Puxando a fralda da camisa para fora, colocou um pouco de linimento na palma rosada e, curvando o braço para trás, pôs-se a esfregar as costas lentamente.

5

Numa das extremidades do grande estábulo jazia um alto monte de feno; pendurada sobre ele, suspensa de uma rol-dana, via-se a forquilha mecânica de quatro pontas. O feno descia como uma encosta de montanha até o outro extremo do estábulo, havendo um local no chão que ainda não fora preenchido com a nova colheita. Nas partes laterais ficavam as manjedouras, podendo-se ver por entre suas barras as lus-trosas cabeças dos cavalos.

Era a tarde de domingo. Em descanso, os animais mastigavam as folhas de feno que ainda restavam a seu alcance; batiam também com os cascos no solo, mordendo a madeira das manjedouras e fazendo tilintar as correntes dos cabrestos. O sol da tarde penetrava pelas gretas das paredes, iluminando o feno com linhas brilhantes. Ouvia-se o zumbido de moscas no ar, o sussurro preguiçoso da tarde.

De fora vinha o tinir das ferraduras caindo sobre a estaca de ferro e os gritos dos homens, jogando, encorajando, escarnecendo. No estábulo, entretanto, tudo estava quieto, preguiçoso, tépido e sussurrante.

Só Lennie se encontrava ali, sentado no feno, ao lado de um caixote sob uma manjedoura vazia numa das extremidades do celeiro. Sentado, contemplava o cachorrinho morto que jazia diante dele. Olhou-o durante muito tempo; depois, esticou a manopla e acariciou o animal, alisando-o da cabeça à cauda.

— Por que você teve que morrer? — disse Lennie suave mente para o cachorrinho. — Você não é tão pequeno como um rato. Não te alisei com muita força. — Curvou a cabeça do cachorro para cima, fixou os olhos em seu focinho e disse para ele: — Agora pode ser que George não me deixe cuidar dos coelhos, se ele descobrir que você morreu.

Abriu um pequeno buraco na palha, pôs o cachorro ali e cobriu-o com feno, escondendo-o. Mas continuou a olhar o monte que fizera.

— Não é uma coisa tão ruim eu ter que me esconder no mato. Não. Não é, não — disse. — Conto pro George que achei ele morto.

Desenterrou o cachorro e inspecionou-o. Depois, acariciou-o da cabeça à cauda.

— Mas ele vai saber — continuou, tristonho. — George sempre sabe. Ele vai dizer: "Foi você quem fez. Não tenta me enganar". E vai falar: "Agora, só por causa disso, você não vai mais tomar conta dos coelhos!"

Subitamente se enraiveceu.

— Desgraçado! — gritou. — Pra que que você foi morrer? Você não é tão pequeno como um rato. — Pegou o animal e atirou-o longe. Então, virou-se de costas. Sentando-se curvado sobre os joelhos, sussurrou: — Agora eu não vou mais cuidar dos coelhos. Agora ele não vai mais deixar. — Balançava-se para a frente e para trás em seu sofrimento.

De fora vinha o tinido das ferraduras na estaca de ferro e, logo depois, um pequeno coro de gritos. Lennie se ergueu, trouxe o cachorrinho de volta, deitou-o no feno e sentou-se. Acariciou novamente o animal.

— Você não era bastante grande — disse. — Eles cansaram de me dizer isso. Mas eu não sabia que você podia morrer assim tão fácil. — Tomou nos dedos a orelha inerte do animal. — Vai ver que o George nem se importa. O pobrezinho desse filho da puta não era nada pro George.

A mulher de Curley apareceu na extremidade da última baia. Ela surgiu tão silenciosamente que Lennie não a viu. Usava seu vistoso vestido de algodão e as chinelas com as penas vermelhas de avestruz. Tinha o rosto pintado, os cachos em forma de salsicha todos no lugar. Aproximou-se bastante dele antes que Lennie erguesse os olhos e a visse.

Em pânico, o rapaz jogou feno com os dedos em cima do filhote morto. Depois, encarou sombriamente a mulher.

— O que é isso aí, garotão? — disse ela.

Os olhos de Lennie fixaram-na, ferozes.

— George diz que eu não tenho nada que ver com a senhora... Não quer que eu converse nem nada.

Ela riu.

— George te dá ordens sobre tudo?

Lennie baixou os olhos para o feno.

—Ele diz que se eu falar com a senhora, ou coisa assim, eu não vou poder cuidar dos coelhos.

—Ele tem medo que Curley fique zangado — murmurou ela. — Bom, Curley tá com o braço na tipóia... e se ele bancar o valente você pode quebrar a outra mão dele. Vocês não me enganam com aquela história de prender a mão numa máquina.

Lennie, porém, não se deixou levar.

— Não, não. Não vou falar com a senhora nem nada.

Ela se ajoelhou no feno ao lado dele.

—Escuta aqui — disse. — Todos os rapazes estão disputando um campeonato de ferradura. São só umas quatro horas. Nenhum deles vai largar o jogo. Por que é que eu não posso conversar com você? Nunca consigo conversar com ninguém. Eu me sinto tão sozinha!...

—Olha, eu não posso conversar com a senhora nem coisa nenhuma.

—Eu fico sozinha — disse. — Você pode conversar com as pessoas, mas eu só posso conversar com o Curley. Senão, ele fica furioso. O que acha de não conversar com ninguém?

—Bom, eu não posso — disse Lennie. — George tem medo que eu me meta em confusão.

Ela mudou de assunto.

— O que é que escondeu aí?

Toda a tristeza de Lennie voltou.

—É o meu cachorro — disse. — Só o meu cachorrinho. — Ele afastou o feno de cima do animal.

—Puxa, ele tá morto! — exclamou ela.

—Era tão pequeno! — disse Lennie. — Eu só tava brincando com ele... e ele

parecia que ia me morder... aí eu fingi que ia esmagar ele e... e esmaguei mesmo. Então ele morreu.

Ela o consolou.

—Não se aflija tanto. Era só um vira-lata. Pode conseguir outro fácil. O país inteiro tá cheio de vira-latas.

—Não é só isso — explicou Lennie, infeliz. — É que o George não vai me deixar cuidar dos coelhos.

—Por que que não vai?

—Bom, ele disse que se eu fizer mais alguma coisa ruim, ele não me deixa cuidar dos coelhos.

Ela se aproximou dele e tentou consolá-lo:

—Não fica aflito por conversar comigo. Escuta só como os rapazes gritam lá fora. Eles tão apostando quatro dólares nesse campeonato. Nenhum deles vai sair dali antes de terminar.

—Se o George ver que eu tou conversando com a senhora, ele me mata — disse Lennie com prudência. — Ele me disse isso.

A mulher se enfureceu.

—Qual é o problema comigo? — gritou. — Não tenho o direito de conversar com ninguém? Que que pensam que eu sou, afinal? Você é um sujeito simpático. Não sei por que é que não posso conversar com você. Não tou te prejudicando em nada, tou?

—Bom, George diz que a senhora vai arranjar confusão pra gente.

—Ah, que besteira! Que mal eu te faço? Parece que ninguém se importa como eu vivo. Olha, eu não tou acostumada a viver assim. Bem que eu podia me tornar alguém. Talvez ainda possa — disse sombriamente. Então, suas palavras jorraram numa paixão de comunicabilidade, como se temesse que o ouvinte lhe fosse roubado. — Eu vivia lá em Salinas. Fui pra lá quando ainda era criança. Bem, então apareceu um *show* e eu conheci um dos atores. Ele disse que eu podia ir embora com o *show,* mas minha velha não deixou. Disse que eu tinha só quinze anos. Mas o cara disse que eu podia. Se eu tivesse ido, não estaria vivendo assim, pode apostar.

Lennie acariciava o filhote de cima a baixo.

— A gente vai ter um lugarzinho.. . e coelhos — explicou.

Ela continuou sua história rapidamente, antes que fosse interrompida.

—Uma outra vez conheci um sujeito que trabalhava no cinema. Saí com ele e fomos pro Riverside Dance Palace. Ele dizia que ia me pôr nos filmes. Que eu era uma artista nata. Logo que voltasse pra Hollywood ele ia me escrever sobre isso. — Olhou atentamente Lennie, tentando ver se estava conseguindo impressioná-lo. — Nunca recebi essa carta. Sempre pensei que a minha velha tivesse roubado ela. Bem, eu não ia ficar num lugar onde eu não podia ir pra parte nenhuma e onde te roubam as cartas. Perguntei a ela se tinha roubado a carta, mas ela disse que não. Por isso casei com Curley. Encontrei ele no Riverside Dance Palace na mesma noite. Tá ouvindo?

—Eu? Tou sim.

—Bem, nunca contei isso pra ninguém antes. Acho que eu não devia. Não gosto do Curley. Ele não é um bom sujeito. — E, porque fizera uma confidencia a Lennie, aproximou-se mais e sentou-se a seu lado. — Podia estar no cinema e ter roupas bonitas... todas as lindas roupas que usam lá. E podia me hospedar nesses grandes hotéis e ter gente sempre tirando retratos de mim. Quando tivesse pré-estréias eu podia ir a elas, e falar no rádio, e isso não ia me custar nada, porque eu tava nos filmes. E todas aquelas roupas lindas que eles usam! Porque esse cara disse que eu era uma artista nata.

Olhou para Lennie e fez um grande gesto com a mão e o braço, mostrando que podia representar. Os dedos seguiram o pulso dobrado e o dedo mínimo se separou muito dos demais.

Lennie suspirou profundamente. De fora chegava até eles o tinido de uma ferradura no metal, seguido por um coro de aclamações.

— Alguém ganhou — disse a mulher de Curley.

Agora a luz estava se erguendo, à medida que o sol descia. Os raios luminosos escalavam a parede e caíam sobre as manjedouras e as cabeças dos cavalos.

— Eu bem que podia levar esse filhote e jogar ele fora. Aí George não ia descobrir — disse Lennie. — E então eu ia poder cuidar dos coelhos sem problema.

—Você não pensa em nada, só em coelhos? — disse a mulher de Curley, zangada.

—A gente vai ter um lugarzinho pra nós — explicou Lennie pacientemente. — Vamos ter uma casa e uma horta e um lugar pra encher de alfafa e depois eu levo ela prós coelhos.

— Por que é que você gosta tanto de coelho?

Lennie teve que pensar cuidadosamente antes de chegar
a uma conclusão. Aproximou-se com prudência da mulher até ficar junto dela.

— Eu gosto de alisar coisas bonitas. Uma vez eu vi alguns deles numa feira, coelhos de pêlo comprido. E eram bonitos mesmo. As vezes faço festa também em ratos, mas só quando não consigo nada melhor.

A mulher de Curley afastou-se um pouco dele.

—Acho que você é doido.

—Não sou, não — Lennie explicou com honestidade.

— George diz que eu não sou. Gosto de alisar coisas bonitas com meus dedos, coisas macias.

Ela pareceu um pouco mais tranqüila.

— Bem, quem é que não gosta? Todo mundo gosta. Eu adoro passar a mão em veludo e seda. Você gosta de veludo?

Lennie deu uma risadinha de prazer.

— Ora, se gosto — exclamou, feliz. — Eu até tinha um pedaço. Uma senhora me deu ele, uma senhora que... era minha tia Clara. Ela me deu, um pedaço grande assim... Bem que eu queria ter esse veludo agora. — Franziu a testa.

— Eu perdi ele. Não vejo ele há um tempão.

A mulher de Curley riu.

— Você é doido — disse. — Mas é um bom sujeito. Parece uma criança grande. Mas a gente pode compreender o que diz. Às vezes, quando me penteio, fico sentada acariciando o meu cabelo, só porque ele é tão macio. — Para mostrar como fazia, passou os dedos no alto da cabeça. — Algumas pessoas têm cabelos ásperos — disse complacentemente. — Como o Curley. O cabelo dele parece arame. O meu não, é macio e bonito. É claro que escovo ele à beca. Isso faz eleficar bonito. Aqui... passa a mão. — Pegou a mão de Len nie e colocou-a na própria cabeça. — Passa a mão nele. Sente e vê como é macio.

Os grandes dedos de Lennie desceram para alisar o cabelo dela.

—Não faz bagunça nele — disse a mulher.

—Ah, é bom! — disse Lennie, alisando com mais força.

— Como é bom!

— Escuta aqui, você tá me despenteando toda. — Então ela gritou, furiosa: — Pára com isso! Você tá fazendo uma bagunça! — Puxou a cabeça bruscamente para um lado, mas os dedos de Lennie se fecharam em seus cabelos, apertando-os. — Larga! — gritou ela. — Larga!

Lennie estava em pânico, o rosto contorcido. Então, ela gritou mais ainda e a outra mão do rapaz fechou-se sobre sua boca e nariz.

— Por favor, não faz isso — pediu ele. — Não faz não, por favor. George vai ficar zangado.

Ela lutou violentamente sob o domínio das duas mãos enormes. Seus pés se agitaram no feno e ela se torceu, tentando libertar-se; debaixo da mão de Lennie saiu um grito abafado. O rapaz começou a chorar de pavor:

— Ah, por favor, não faz isso — implorou. — George vai dizer que eu fiz uma coisa ruim. E não vai me deixar cuidar dos coelhos. — Moveu um pouco a mão: um grito rouco escapou da mulher. Então, Lennie ficou zangado. — Não faz isso — disse. — Eu pedi pra você não gritar. Vai me arranjar encrenca, do jeito que o George disse. Não faz isso. — Ela continuou lutando, os olhos arregalados de pavor. Ele a sacudiu então, zangado. — Não continua gritando — disse, sacudindo-a de novo; o corpo dela se moveu flacidamente, como o de um peixe. Por fim ela ficou imóvel; Lennie havia quebrado o seu pescoço.

Ele baixou os olhos para a mulher e cuidadosamente removeu a mão de sua boca. Ela jazia imóvel.

— Não quero te machucar — disse —, mas George vai ficar furioso se ouvir os gritos.

Quando a mulher não respondeu nem se moveu, Lennie se curvou atentamente sobre ela. Levantou-lhe o braço e deixou-o cair. Durante um momento pareceu aturdido. Depois sussurrou, amedrontado:

— Fiz uma coisa ruim. Fiz uma coisa ruim de novo.

Meteu as grandes mãos no feno e cobriu parcialmente o corpo da mulher. De fora vinha o grito dos homens e o duplo tinido de ferraduras no metal. Pela primeira vez Lennie tomou consciência do mundo exterior. Acocorou-se no feno e escutou.

— Fiz uma coisa ruim de verdade — disse. — Eu não devia ter feito isso. George vai ficar furioso. E... ele disse... para me esconder no mato até ele chegar. Vai ficar furioso. No mato até ele chegar. Foi o que ele disse. — Retrocedeu e olhou para a mulher morta. O cachorro jazia perto dela. Lennie o pegou. — Vou jogar ele fora — disse. — A coisa já tá bem ruim assim. — Pôs o filhote debaixo do casaco e caminhou encolhido até a parede do celeiro, espiando pelas frestas o jogo de ferraduras. Depois, esgueirou-se até a extremidade da última manjedoura e desapareceu.

Os raios de sol iam altos na parede agora e a luz tornava-se cada vez mais suave no estábulo. A mulher de Curley jazia de costas, meio encoberta pelo feno.

Tudo estava muito tranqüilo no local, e a quietude da tarde invadira a fazenda. Mesmo o tinido das ferraduras e as vozes dos homens que jogavam pareciam agora menos ruidosos. A obscuridade se instalava no estábulo antes de escurecer lá fora. Um pombo entrou voando pela porta adentro, fez um círculo e tornou a voar para fora. Uma cadela policial magra e comprida, de pesados úberes pendentes, contornou a última baia. A meio caminho do caixote onde estavam as crias, ela sentiu o cheiro da morte na mulher de Curley e seus pêlos eriçaram-se na espinha. Deu um gemido, rastejou amedrontada até o caixote e pulou entre os cachorrinhos.

A mulher de Curley jazia meio encoberta pelo feno amarelo. E de seu rosto desaparecera a mesquinharia, os planos para o futuro, o descontentamento e a ânsia de ser ouvida. Ela estava muito bonita e simples, o rosto jovem e doce. Suas faces coradas pelo ruge e os lábios vermelhos faziam-na parecer viva, como se cochilasse. Os cachos, as minúsculas salsichas, espalhavam-se pelo feno sob a cabeça e os lábios estavam ligeiramente abertos.

Como acontece às vezes, o instante se fixou, ficou suspenso no ar e assim permaneceu por muito mais que um momento. Os sons cessaram e o movimento se imobilizou por muito, muito mais que um momento.

Então, aos poucos, o tempo despertou novamente e prosseguiu com preguiça a sua marcha. Os cavalos bateram os cascos contra o solo no outro lado das manjedouras, fazendo tilintar as correntes dos cabrestos. Fora, as vozes masculinas tornaram-se mais altas e mais claras.

Da extremidade da última baia veio a voz do velho Candy.

— Lennie — chamou. — Ei, Lennie! Tá aí? Andei pensando em mais algumas coisas. Vou te dizer o que a gente pode fazer, Lennie.

O velho Candy surgiu na extremidade da última man-jedoura.

— Lennie! — chamou de novo. Então parou e seu corpo se enrijeceu. Esfregou o coto macio na áspera suíça branca que despontava. — Não sabia que a senhora tava aqui — disse para a mulher de Curley.

Como ela não respondesse, ele deu um passo à frente.

— Não devia dormir aqui — disse, desaprovador. Logo depois, estava ao lado dela: — Santo Deus! — Olhou em torno, indefeso, e esfregou a barba. Depois, ergueu-se de um salto e saiu rapidamente do estábulo.

Agora, porém, o local ganhava vida. Os cavalos socavam o solo com os cascos e bufavam; mastigavam as palhas de suas baias e faziam tilintar as correntes dos

cabrestos. No momento seguinte, Candy voltou, e dessa vez George o acompanhava.

— Que que você quer comigo? — disse George.

Candy apontou para a mulher de Curley. George olhou-a fixamente.

— Que que ela tem? — perguntou. Aproximou-se da mulher e então repetiu a exclamação de Candy. — Santo Deus! — Ajoelhou-se ao lado dela e colocou a mão sobre o coração da mulher. Quando se levantou afinal, lenta e rigidamente, seu rosto mostrava-se duro e tenso como madeira, os olhos fixos.

— Quem que fez isso? — disse Candy.

George olhou-o friamente.

—Não tem nenhuma idéia? — perguntou. Candy permaneceu em silêncio. — Eu devia saber — disse, desesperançado. — Acho que bem lá no fundo eu sabia.

—O que que a gente vai fazer agora, George? — perguntou Candy. — O que que a gente vai fazer?

George demorou muito a responder.

—Acho que... temos que contar.. . prós rapazes. Acho que a gente tem de pegar ele e prender. A gente não pode deixar ele ir embora. Puxa, o pobre-diabo ia morrer de fome. — Tentou tranqüilizar-se. — Talvez prendam Lennie e vão ser bons com ele.

—A gente devia deixar ele ir embora — disse Candy, excitado. — Você não conhece esse Curley. Curley vai querer que linchem ele. Vai querer ele morto.

George observava os lábios de Candy.

— É — disse finalmente. — É verdade, Curley vai que rer ele morto. E os outros vão querer o mesmo. — Olhou novamente para a mulher.

Candy disse então, com grande medo na voz:

— A gente ainda pode ter aquele lugarzinho, não pode, George? A gente ainda pode ir pra lá e ter uma boa vida, não é, George? Não é?

Antes que o rapaz respondesse, Candy baixou a cabeça e olhou para o feno. Ele conhecia a resposta.

— Acho que eu sabia desde o início — disse George sua vemente. — Acho que eu sabia que a gente nunca ia conseguir. Ele gostava tanto de ouvir falar nisso que cheguei a pensar que talvez a gente pudesse.

— Então... tá tudo acabado? — disse Candy, soturno.

George não respondeu. Em vez disso, afirmou:

—Vou terminar meu mês, pegar meus cinqüenta pacotes e ficar a noite inteira num puteiro nojento. Ou ficar num salão de bilhar até todo mundo ir embora. Então volto, trabalho outro mês e ganho mais cinqüenta pacotes.

—Ele é um bom sujeito — disse Candy. — Nunca pensei que fosse fazer nada assim.

George ainda olhava fixamente para a mulher de Curley.

— Lennie não fez isso por maldade. Sempre fez coisas ruins, mas nunca por maldade. — Ergueu-se e olhou para Candy. — Agora escuta. Temos que contar prós rapazes. Eles vão querer pegar o Lennie, eu acho. Não tem outro jeito. Talvez

não machuquem ele. — Acrescentou asperamente: — Não vou deixar eles machucarem o Lennie. Agora escuta. Os rapazes podem pensar que eu tive alguma coisa a ver com isso. Vou entrar no alojamento. Daqui a um minuto você sai e conta pra eles o que viu. Aí eu venho também e faço como se não soubesse de nada. Assim eles não vão pensar que eu tenho alguma coisa com isso, tá?

—Tá bem, George — disse Candy. — Vou fazer isso, sim.

—Então tá. Me dá dois minutos e aí você sai correndo e conta o que acabou de achar. Tou indo agora.

George se virou e saiu rapidamente do estábulo.

O velho Candy observou-o partir. Depois tornou a olhar a mulher de Curley e gradualmente seu pesar e sua raiva transformaram-se em palavras.

— Sua vagabunda desgraçada — disse com maldade. — Acabou conseguindo, não é? Acho que agora tá contente. Todo mundo sabia que você causava confusão. Não prestava. Agora mesmo é que você não presta pra nada, vagabunda nojenta. — Um soluço fez sua voz estremecer. — Eu podia ter cuidado da horta e lavado os pratos prós rapazes. — Fez uma pausa e depois continuou como numa ladainha, repetindo as velhas palavras: — Se tivesse um circo ou um jogo de beisebol... a gente podia ir... era só dizer: "Que se dane o trabalho" e ir. Sem ter que pedir licença a ninguém. E a gente podia ter um porco e galinhas... e no inverno... o fogão... e a chuva caindo... e a gente sentado lá. — As lágrimas cegaram seus olhos. Então, ele se virou e saiu com passos fracos do estábulo, esfregando as suíças hirsutas com seu coto de punho.

Fora, o ruído do jogo parou subitamente. As vozes se ergueram formulando perguntas, ouviu-se o som de pés que corriam e logo depois os homens irromperam no estábulo. Slim, Carlson, o jovem Whit e Curley, com Crooks mai$ atrás, mantendo-se longe da atenção dos outros. Candy seguia atrás deles e, à retaguarda de todos, vinha George. Pusera sua jaqueta de brim azul e a abotoara, puxando a aba do chapéu preto bem para baixo. Os homens contornaram correndo a última baia. Seus olhos descobriram a mulher de Curley na semi-obscuridade; então, ficaram imóveis, olhando.

Slim se aproximou, silencioso, e tomou-lhe o pulso. Um dedo fino tocou o rosto da mulher e a mão deslizou por baixo do pescoço levemente torcido; os dedos exploraram-lhe o pescoço. Quando se ergueu, os homens aproximaram-se mais e o encanto se quebrou.

Curley voltou subitamente à vida.

—Eu sei quem fez isso — gritou. — Aquele grandão filho da puta, tenho certeza. Eu sei que foi ele. Ora... todo o resto do pessoal tava jogando ferradura. — A fúria subia dentro dele. — Vou pegar aquele cara. Vou apanhar minha espingarda. Eu mesmo vou matar o filho da puta. Vou furar as tripas dele. Vamos, rapazes. — Correu furiosamente para fora do estábulo.

—Vou pegar minha Luger — disse Carlson e também correu para fora.

Slim virou-se calmamente para George.

— Acho que Lennie fez a coisa mesmo — disse. — O pescoço dela tá quebrado. Lennie podia fazer isso.

George não respondeu, mas balançou a cabeça lentamente, concordando. Seu chapéu estava tão enterrado na cabeça que lhe cobria os olhos.

— Vai ver que foi como naquela vez em Weed, que você contou — continuou Slim.

George tornou a assentir. Slim suspirou.

— Bom, acho que a gente tem que pegar ele. Pra onde acha que ele pode ter ido?

George precisou de algum tempo para poder falar.

— Acho que foi pro sul — disse. — A gente veio do norte, então eu penso que foi pro sul.

— Acho que temos que pegar ele — repetiu Slim.

George se aproximou do outro.

— A gente não podia pegar ele e trancar? Ele é doido, Slim. Não fez isso por maldade.

O arrieiro concordou.

— A gente podia. Se o Curley não fosse junto, a gente podia. Mas o Curley quer dar um tiro nele. E já tava com raiva por causa da mão. E mesmo se pegarem o Lennie, amarrarem ele e trancarem numa jaula, isso vai adiantar? Não vai ser nada bom, George. Você sabe.

—Eu sei. Eu sei. Carlson voltou correndo.

—O patife roubou minha Luger. Não tá na minha mala. Curley o seguira, carregando uma espingarda na mão boa.

Parecia controlado, agora.

—Muito bem, pessoal — disse. — O crioulo tem uma espingarda. Pega ela, Carlson. Quando enxergar o Lennie, não dá chance nenhuma pra ele. Arrebenta logo aquelas tripas. Pra ele se curvar logo.

—Não tenho arma — disse Whit excitadamente.

—Vai até Soledad e traz um polícia — disse Curley. — Chama o Al Wilts, o ajudante do xerife. Agora vamos. — Voltou-se para George, desconfiado. — E você trata de vir com a gente.

—Tá bem — disse George. — Eu vou. Mas escuta aqui, Curley. O pobre-diabo é maluco. Não atira nele. Ele não sabia o que tava fazendo.

—Não atira nele? — gritou Curley. — Ele pegou a arma do Carlson. É claro que vamos atirar nele.

—Vai ver que o Carlson perdeu a arma — disse George com voz sumida.

—Não, eu vi minha pistola esta manhã — disse Carlson. — Não. Ela foi roubada.

Slim permanecia de pé, olhando para a mulher.

— Curley — disse —, acho que é melhor você ficar aqui com ela.

O rosto de Curley se avermelhou.

— Eu vou também — disse. — Quero arrancar as tripas daquele grandão safado, mesmo com uma das mãos. Vou matar ele.

Slim se virou para Candy.

— Então fica aqui com ela, Candy. É melhor a gente ir.

Puseram-se a caminho. George parou um momento ao lado de Candy e ambos desceram os olhos para a mulher morta, até que Curley chamou:

— George! Você vai ficar grudado conosco, senão a gente vai pensar que teve alguma coisa a ver com isso. George se arrastou atrás deles, caminhando com lentidão. Depois que partiram, Candy acocorou-se no feno e observou o rosto da mulher de Curley.

— Pobre-diabo — disse suavemente.

O ruído dos homens se afastando tornou-se mais fraco. O estabulo escurecia aos poucos. Em suas baias, os cavalos moveram os cascos, fazendo tilintar as correntes dos cabrestos. O velho Candy deitou-se no feno e cobriu os olhos com o braço.

6

O profundo lago verde do rio Salinas estava imóvel naquele fim de tarde. O sol já abandonara o vale para escalar as encostas das montanhas Gabilan, com seus cumes agora rosados pela luz. Junto ao lago, entretanto, e por entre os sicômoros pintalgados, descera uma agradável sombra.

Uma cobra deslizou suavemente pela superfície da água, torcendo a cabeça de periscópio de um lado para o outro; nadou por toda a extensão do lago e chegou junto às pernas de uma garça imóvel, de pé nos baixios. Uma cabeça e um bico silenciosos projetaram-se rapidamente para baixo e colheram a cobra pela cabeça; o bico engoliu-a enquanto a cauda do réptil sacudia-se convulsivamente.

Ouviu-se uma rajada de vento a distância e o ar se moveu pelas copas das árvores como uma onda. As folhas dos sicômoros viraram para cima seus dorsos prateados; as folhas secas, marrons, agitaram-se um pouco sobre o solo. E fileiras sucessivas de minúsculas ondas encresparam a superfície do lago.

Tão rapidamente como chegara, o vento parou. A cia reira tornou a se imobilizar. A garça voltara a ficar imóvel nos baixios, esperando. Outra pequena cobra-d'água nadou pelo lago, virando a cabeça de periscópio de um lado para o outro.

De repente, Lennie surgiu das moitas, movendo-se tão silenciosamente como um urso. A garça golpeou o ar com suas asas, ergueu-se sobre a água e voou rio abaixo. A pequena cobra deslizou por entre os juncos da margem.

Quieto, Lennie se aproximou da borda do lago. Ajoelhou-se então e bebeu, mal tocando a água com os lábios. Quando um passarinho correu saltitando pelas folhas secas atrás dele, Lennie ergueu a cabeça e procurou o som com os olhos e ouvidos até que viu o pássaro. Então baixou a cabeça e bebeu de novo.

Terminando, sentou-se na areia de costas para o lago, a fim de poder vigiar a trilha. Então, abraçou os joelhos e descansou o queixo sobre eles.

A luz continuava a subir a encosta da montanha, fugindo do vale, e à medida que o fazia, os cumes pareciam incendiar-se com um brilho crescente.

— Eu não me esqueci, juro — murmurou Lennie. — Esconder no mato e esperar o George. — Abaixou o chapéu sobre os olhos. — George vai me fazer comer fogo. Ele vai dizer: "Por que é que eu não fico sozinho, sem ninguém pra me aborrecer?" — Virou a cabeça e olhou os cumes incendiados pelo sol. — Posso ir direto pra lá e achar uma caverna. E nunca mais comer molho de tomate — continuou tristemente. — Mas não me importo. Se o George não me quiser... vou embora. Vou embora.

Da mente de Lennie saiu então uma velhinha gorda. Usava óculos de lentes grossas, um enorme avental de cretone com bolsos e era toda engomada e limpa. Plantou-se na frente dele e pôs as mãos nos quadris, franzindo desaprovadoramente a testa para ele.

Quando falou, o fez com a voz de Lennie:

—Eu bem que te disse, eu bem que te disse. Falei um milhão de vezes pra

obedecer o George, porque ele é um ótimo rapaz e muito bom pra você. Mas você se importa? Nem um pouco. Vive fazendo coisas ruins.

—Eu tentei, tia Clara, tentei sim — respondeu Lennie. — Tentei à beca. Mas não pude evitar.

—Você nunca pensa no George — continuou ela com a voz de Lennie. — Ele vive fazendo coisas boas pra você. Quando arranja um pedaço de torta, te dá sempre a metade, ou mais da metade. E quando tem molho de tomate, puxa, ele te dá todo ele.

—Eu sei — disse Lennie, no auge da tristeza. — Eu tentei, tia Clara, sim, senhora. Tentei mesmo.

Ela o interrompeu.

—Ele podia se divertir o tempo todo, se não fosse você. Podia receber o salário e cair na farra com as mulheres, ou jogar dados ou bilhar a noite toda. Mas tem que tomar conta de você.

—Eu sei, tia Clara — Lennie gemeu de tristeza. — Eu vou direto praquelas colinas, achar uma caverna e viver lá, pra não causar mais problemas pro George.

—Isso é o que você diz — revidou ela, cortante. — Tá sempre dizendo isso, mas sabe muito bem, seu filho da puta, que não vai fazer nada disso. Vai grudar no George e fazer da vida dele um inferno o tempo todo.

—Bem que eu posso ir embora — disse Lennie. — George não vai mais me deixar cuidar dos coelhos.

Tia Clara desaparecera, e da mente de Lennie surgiu um coelho gigantesco. Este sentou-se na frente dele, agitou as orelhas e encolheu o focinho. Falou também com a voz de Lennie.

—Cuidar dos coelhos — disse com escárnio. — Você é um pobre coitado. Não presta nem pra lamber as botas de um coelho. Você ia esquecer eles e deixar que todos morressem de fome. É isso. O que que George ia pensar?

—Eu não ia me esquecer — disse Lennie, alto.

—Não ia uma ova — disse o coelho. — Você não vale nem o espeto com que vão te assar no inferno. Só Deus sabe que George fez tudo o que podia pra te tirar da sarjeta, mas não adiantou. Se acha que George vai te deixar cuidar dos coelhos, tá mais maluco que de costume. Ele não vai. Vai é te dar uma surra com um pedaço de pau, é isso que vai fazer.

—Ele não vai fazer nada disso — respondeu Lennie, agressivo. — George não faz coisas assim. Conheço ele desde... esqueci quando... e ele nunca levantou a mão pra mim com um pedaço de pau. Ele é bom pra mim. Não vai ser mau agora.

—Bem, ele tá cansado de você — disse o coelho. — Vai te moer de pancada e depois vai embora e te deixar sozinho.

—Não vai, não — gritou Lennie freneticamente. — Não vai fazer nada disso. Eu conheço George. A gente viaja junto.

Mas o coelho repetia suavemente, vezes sem conta:

— Ele vai te deixar, seu patife maluco. Ele vai te deixar sozinho. Ele vai te deixar, seu patife maluco.

Lennie tapou os ouvidos com as mãos.

— Não vai, eu sei que ele não vai! — gritou. — Ah, George... George... George!

George saiu silenciosamente do mato e o coelho correu de novo para dentro da mente de Lennie.

— Por que você tá gritando assim? — perguntou George, calmo.

Lennie suspendeu o peito e ficou de joelhos.

— Você não vai me deixar, vai, George? Eu sei que não vai.

George se aproximou rigidamente e sentou-se ao lado de Lennie.

—Não.

—George?

—Que é?

—Fiz outra coisa ruim.

—Não faz diferença — respondeu ele, recaindo no silêncio.

Só os cumes mais elevados recebiam agora a luz do sol. A sombra no vale tornara-se azul e macia. Da distância veio o som de homens gritando uns para os outros. George virou a cabeça e ouviu os gritos.

—George? — disse Lennie.

—Que é?

—Você não vai me fazer comer fogo?

—Comer fogo?

—E, como você sempre fez antes. Falando: "Se eu não tivesse você eu pegava meus cinqüenta pacotes... "

—Meu Deus, Lennie! Não lembra de nada que acontece, mas lembra de cada palavra que eu digo.

— Bom, você vai dizer isso?

George estremeceu.

—Se eu andasse sozinho, podia viver muito bem — disse, com voz inexpressiva. — Podia arranjar um trabalho e não ter complicação nenhuma. — Parou.

—Continua — disse Lennie. — "E quando chegasse o fim do mês... "

— E quando chegasse o fim do mês eu podia pegar meus cinqüenta pacotes e ir pra um... puteiro... — Parou de novo.

Lennie olhou-o ansiosamente.

—Continua, George. Não vai mais me fazer comer fogo?

—Não — respondeu o rapaz.

—Bom, eu posso ir embora — disse Lennie. — Posso ir na direção daquelas colinas e achar uma caverna, se você não me quiser.

George tornou a estremecer.

—Não — disse. — Quero que você fique comigo.

—Então me fala o que falou antes — disse Lennie, com astúcia.

—Dizer o quê?

—Dos outros rapazes e nós.

—Sujeitos como nós não têm família — disse George. — Ganham um pouco de gaita e gastam tudo. Não têm ninguém no mundo que se importe com eles...

—*Mas não nós* — gritou Lennie, feliz. — Conta sobre nós. George ficou quieto por um momento.

—Mas não nós — disse.

—Porque...

—Porque eu tenho você...

— E eu tenho você. A gente tem um ao outro, é isso, e um se importa com o outro — exclamou Lennie, em triunfo.

A brisa da noite soprou na clareira, fazendo as folhas far-falharem e pequenas ondas encresparem o lago verde. Os gritos dos homens soaram de novo, dessa vez muito mais perto do que antes.

George tirou o chapéu.

— Tira o chapéu, Lennie — disse, trêmulo. — O ar ta bom.

Lennie removeu obedientemente o chapéu, colocando-o no chão à sua frente. A sombra no vale estava mais azul, e a noite caía, veloz. O som de arbustos se quebrando chegou até eles, trazido pelo vento.

— Conta como vai ser — disse Lennie.

George estava ouvindo os sons a distância. Por um momento, assumiu um tom metódico.

— Olha pro rio, Lennie, que eu te conto. Assim você quase vai poder ver tudo.

Lennie virou a cabeça. Olhou para o lago e depois para cima, em direção às encostas das montanhas que escureciam.

— A gente vai ter um lugarzinho só nosso — começou George. Pôs a mão no bolso e puxou a Luger de Carlson; soltou a trava de segurança da arma; mão e arma descansaram no solo, atrás das costas de Lennie. George olhou para a nuca do amigo, exatamente no lugar em que espinha e crânio se encontram.

Uma voz de homem gritou rio acima; outra voz masculina respondeu.

— Continua — disse Lennie.

George ergueu a arma e suas mãos tremeram. Deixou cair a mão novamente até o solo.

—Continua — disse Lennie. — Como vai ser. A gente vai ter um lugarzinho só nosso.

—Vai ter uma vaca — disse George. — E quem sabe um porco e galinhas... e vai ter também uma plantaçãozinha de alfafa lá adiante...

—Prós coelhos — gritou Lennie.

—Prós coelhos — repetiu George.

—E eu vou cuidar dos coelhos.

—Você vai cuidar dos coelhos. Lennie riu de felicidade.

—E a gente vai viver no bem-bom.

—É O rapaz virou a cabeça.

— Não, Lennie. Olha na direção do rio, como se você quase tivesse vendo o lugar.

Lennie obedeceu. O outro baixou os olhos para a arma. Passos esmagavam os arbustos próximos agora. George se voltou e olhou na direção deles.

—Continua, George. Quando a gente vai ter o lugar?

—Logo.

—Eu e você.

—Você... e eu. Todo mundo vai ser bom pra você. Não vai mais ter nenhum problema. Ninguém vai fazer mal a ninguém nem roubar uns dos outros.

—Pensei que você tava furioso comigo, George.

— Não — disse ele. — Não, Lennie. Não tou furioso com você. Nunca fiquei nem nunca vou ficar. Quero que saiba disso.

As vozes soavam muito próximas agora. George ergueu a arma e escutou.

—Vamos fazer isso logo — pediu Lennie. — Vamos comprar o lugar agora.

—Vamos, agora mesmo. Eu tenho que fazer isso. A gente tem que fazer.

George firmou a arma e aproximou o cano da nuca de Lennie. Sua mão tremeu violentamente, mas o rosto dele endureceu; a mão tornou a se firmar. Puxou o gatilho. O estampido subiu e foi rolando pelas encostas até morrer. Lennie se sacudiu todo e depois foi caindo lentamente para a frente, sobre a areia. Ali ficou deitado, imóvel.

George estremeceu e olhou para a arma; então atirou-a longe, em direção à margem, perto da pilha de antigas cinzas.

O mato pareceu se encher de gritos e do som de pés correndo. A voz de Slim gritou:

— George! Onde tá você, George?

Mas o rapaz sentou-se rígido na margem do lago e olhou para a mão direita que acabara de atirar a arma fora. O grupo irrompeu na clareira, com Curley à frente. Então ele viu Lennie deitado na areia.

— Puxa, você pegou ele! — Aproximou-se, olhou para Lennie e depois de novo para George. — Bem na nuca — disse suavemente.

Slim veio direto até George e sentou-se ao lado dele, muito perto.

— Não se preocupa — disse Slim. — Às vezes um cara tem que fazer essas coisas.

Mas Carlson estava de pé diante de George.

—Como é que você fez? — perguntou.

—Só fiz — disse George, cansado.

—Ele tava com a minha arma?

—Tava. Tava com a sua arma.

—E você tirou a pistola dele, pegou e matou ele?

—É. Foi assim. — A voz de George era quase um sussurro. Olhava fixamente para a mão direita que segurara a arma.

Slim puxou o rapaz pelo cotovelo.

—Vem, George. Eu e você vamos beber alguma coisa. George deixou-se conduzir por ele.

—E, vamos beber.

—Você tinha que fazer isso — disse Slim. — Juro que tinha. Vem comigo. — Levou-o para a entrada da trilha e subiram em direção à rodovia.

Curley e Carlson os seguiram com o olhar. Então Carlson perguntou:

— O que será que tá roendo esses caras?

O AUTOR E SUA OBRA

John Ernst Alcibiade Socrate Steinbeck cresceu com uma idéia fixa: queria ser um escritor sério. Nascido a 27 de fevereiro de 1902, no modesto centro agrocomercial de Salinas, ainda muito jovem dedica-se a leitura de Dostoiévski, John Milton, Flaubert, George Eliot, Thomas Hardy. No entanto, sua maior influência literária parece ter sido a Bíblia.

Na Universidade de Stanford, que freqüentou durante cinco anos, distinguiu-se em várias atividades, exceto nos estudos. Em 1925, abandonou o curso sem ter obtido o diploma e partiu para Nova York com o firme propósito de tornar-se romancista. Frustrado, voltou a Califórnia. Tinha adquirido maturidade suficiente para compreender que era hora de conciliar o ideal e o sustento. Sem muita dificuldade, conseguiu um emprego numa fazenda, que lhe proporcionava tempo suficiente para se dedicar a literatura.

Seu primeiro livro, "A taça de ouro" (1929), já revelava a principal característica de seu estilo: o tom alegórico, a tendência a expressar-se através de símbolos e metáforas. Um ano depois de sua estréia, casou-se com Carol Henning, indo estabelecer-se em Pacific Grove, uma sossegada comunidade metodista. O pai do escritor deu-lhe uma pequena casa e uma mesada para que pudesse enfrentar a depressão econômica que abalava os Estados Unidos.

Em 1935, publicou "Boêmios errantes", seu primeiro sucesso de público; a obra foi vendida para o cinema, e Steinbeck pôde realizar um velho sonho: conhecer o México. "Ratos e homens" (1937) desenvolve a idéia de que todos os homens são sonhadores malogrados. Personagens como George e Lennie são mostradas como frutos de uma natureza impassível, incapazes de enfrentar a rudeza do mundo. O livro veio consolidar sua reputação literária.

Ao êxito de "Ratos e homens", seguiu-se "O grande vale" (1938), uma coletânea de contos. Depois disso, veio á luz "As vinhas da ira", uma de suas obras-primas. Lançado em 1939, o romance alcançou uma consagração retumbante: recebeu o Prêmio Pulitzer, e seu autor foi eleito membro do Instituto Nacional de Artes e Letras. Além disso, Hollywood comprou a história e transformou-a num filme de protesto social, que comoveu as platéias com a odisséia dos pequenos agricultores expulsos de suas terras por industriais e atraídos pela falsa imagem de uma Califórnia apresentada pela propaganda como "Terra da Pro-missão".

Célebre, amigo de grandes personalidades, como o presidente Roosevelt, Steinbeck, no entanto, mostrava-se arredio á publicidade. Em 1942, publicou "Noite sem lua". Dessa vez, a crítica rejeitou o livro por sua artificialidade e excessiva tolerância em relação aos nazistas. Insatisfeito por estar apenas escrevendo sobre a guerra, o romancista resolveu entrar em contato direto com as tropas combatentes. Assim, de junho a dezembro de 1943, permaneceu na frente européia como correspondente especial do jornal "Herald Tribune", de Nova York.

"Caravana de destinos" (1945) encerra o período mais fecundo de sua carreira literária. O lançamento de "A pérola" e "O destino viaja de ônibus" (1947) obtém uma repercussão negativa. Repudiado pela crítica, que o acusou de comercialis-mo, abalado pelo seu segundo divórcio e pela perda de seu melhor amigo, Ed Ricketts, teve uma única alegria nesse período conturbado: a eleição para a Academia de Artes e Letras.

Aparentemente refeito dos choques, em fins de 1949 Steinbeck aceita a incumbência de escrever o roteiro do filme "Viva Zapata". Seu prestígio estava no nível mais baixo quando começou a redigir outra de suas obras-primas, "A leste do Éden", filmado por Elia Kazan ("Vidas amargas") e estrelado por James Dean. Em 1961, veio a luz "O inverno de nossa desesperança" e no ano seguinte o escritor recebia o Prêmio Nobel de Literatura. Sua última obra foi "Viagem com Charlie", relato de uma viagem através de vários estados americanos, acompanhado do cãozinho Charlie.

Em meados de 1967, estava escrevendo uma série de artigos sobre a Guerra do Vietnam quando sofreu um enfarte, depois de uma operação na espinha dorsal. Morreu a 20 de dezembro de 1968, em Nova York, aos sessenta e seis anos de idade.

Do autor, o Círculo publicou "As vinhas da ira", "A leste do Éden", "O inverno de nossa desesperança" e "Boêmios errantes".